

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA MATERNA NO 1º E  
2º GRAUS: O CASO DA CONCORDÂNCIA VERBAL.

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA À UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM LETRAS, OPÇÃO LINGÜÍSTICA.

MARILDA DOS REIS BELLAGUARDA

FLORIANÓPOLIS  
1983

ESTA DISSERTAÇÃO FOI JULGADA ADEQUADA PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM LETRAS — OPÇÃO LINGÜÍSTICA — E APROVADA EM SUA FORMA FINAL PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO.

---

Prof. Dr. Hilário Inácio Bohn  
Orientador

*M. Marta Furlanetto*

---

Profª Dra Maria Marta Furlanetto  
Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Lingüística

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Hilário Inácio Bohn

---

Prof. Dr. José Curi

*sflliveric*

---

Profª ML Sidney Gaspar de Oliveira

Para meus pais:

Pedro Pacheco dos Reis (in memoriam)

Maria Guedes Pacheco dos Reis, que com sua ternura, compartilhou desta árdua tarefa.

Para meu marido Sidney e meus filhos, Maria Lígia e Anderson, pelo sacrifício, apoio, amor e compreensão em todos os momentos da realização deste trabalho.

## AGRADECIMENTOS

- a Deus por permitir que esta tarefa fosse concluída;
- à Secretaria da Educação e Cultura do Estado de Santa Catarina, pela oportunidade proporcionada;
- à Universidade Federal de Santa Catarina e à CAPES;
- ao Dr. Hilário Inácio Bohn, pela orientação dedicada, atenciosa e eficiente no tratamento dado à orientanda e à pesquisa;
- à Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Letras, Dr<sup>a</sup> Maria Marta Furlanetto, pela amizade e compreensão;
- aos Estabelecimentos de Ensino: Colégio Catarinense, Colégio Estadual Prof. Aníbal Nunes Pires, Curso Elementar Menino Jesus, Escola Básica Pero Vaz de Caminha, Escola Básica Presidente Roosevelt, Instituto Estadual de Educação por consentirem a realização da pesquisa, cedendo seus alunos e seus horários de aula;
- às Prof<sup>as</sup> Hilda Gomes Vieira, Loni Grimm Cabral e Maria Carolina Galotti Kehrig, pelo estímulo e confiança devotada;
- à Prof<sup>a</sup> Elsa Lemos, por todos os préstimos e gentilezas de que se foi alvo;
- ao Prof. Masanao Ohira pela orientação estatística;
- às amigas Albertina Vitoretta, Lina Leal Sabino, Lindaci Sena e Silva, Marlaci Resende, pelo apoio e estímulo constantes;
- aos meus irmãos, parentes e amigos pelo carinho e incentivo;
- a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

## RESUMO

O objeto desta pesquisa são as regras de concordância verbal da Língua Portuguesa, aplicadas em alunos de primeiro e segundo graus.

Variáveis como grau de escolarização, nível sócio-cultural, hábito da escrita, hábito da leitura e sexo foram controladas na população-alvo para se estabelecerem comparações de desempenho nas 52 regras testadas.

Os resultados indicam a incidência de erros de concordância verbal nos alunos ao longo dos diversos graus de escolarização desde as primeiras séries até as mais avançadas.

O fator sócio-cultural, por outro lado, tem forte influência no desempenho tanto nos alunos, de primeiro como nos de segundo grau.

As estratégias usadas pelos alunos na solução dos problemas das regras em estudo também foram analisadas, abrindo caminho para novas pesquisas.

Além disso, foi analisado o conteúdo didático de alguns livros-texto para detectar a origem dos problemas enfrentados pela população-alvo na solução do teste de concordância.

Finalmente, são feitas sugestões metodológicas e recomendações para pesquisas posteriores.

## ABSTRACT

The objective of this dissertation is to evaluate the degree of mastery of agreement rules in the Portuguese language of elementary and secondary school children in Brazil. Variables such as school level, socio-cultural level, the habit of reading and writing and sex were controlled for comparison.

The results show that children have problems with agreement rules through all their school years and that the socio-cultural factor shows significant difference in terms of achievement in the exercises presented to the sample population from the first year of elementary school to the last years of secondary school.

The strategies used by the students in dealing with agreement problems were also studied. No important conclusions could be drawn from this analysis, but the area presents interesting problems for research.

In the discussion of the results several texts used in the school system were analyzed to check whether agreement is emphasized in the materials used. Finally there are methodological suggestions for teaching and recommendations for further research.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I	
1.0. O Problema .....	6
1.1. Objetivos .....	7
1.2. Delimitações e Limitações do trabalho .....	9
1.3. Justificativa .....	11
CAPÍTULO II	
2.0. A Concordeância na Língua Portuguesa.....	16
2.1. Concordeância Nominal .....	22
2.2. Concordeância Verbal .....	24
2.3. As Regras de Concordeância Verbal .....	31
CAPÍTULO III	
3.0. Metodologia .....	39
3.1. A População .....	39
3.2. Critérios de Escolha da População .....	43
3.3. Descrição do Instrumento .....	43
3.4. Aplicação do Instrumento .....	44
3.5. Coleta e Análise dos Dados .....	45
CAPÍTULO IV	
4.0. Análise e Discussão dos Resultados .....	47
CAPÍTULO V	
5.1. Conclusões .....	83
5.2. Sugestões .....	85
BIBLIOGRAFIA .....	87
ANEXOS	

## INTRODUÇÃO

A língua corrente varia de acordo com os lugares, com as pessoas, com as épocas e até mesmo com as circunstâncias. Ela é um produto social, é uma atividade do espírito humano. Portanto, não é independente da vontade do homem, uma vez que o comportamento social está regulado por normas que devem ser obedecidas.

"Mas, como superior produto de intercomunicação, refinado pelos esforços de gerações sucessivas, existe a língua escrita, poderoso reflexo de civilização e mantenedor da unidade" (Silva Neto, 1977:19-20).

É a língua escrita motivo de preocupação de todo o professor de Português, uma vez que é através do código escrito que o homem vai ser preparado para desempenhar desde a mais humilde à mais sofisticada função na sociedade.

A Língua Portuguesa está nas mãos de cada um dos cidadãos brasileiros que dela se servem para a comunicação com seus semelhantes.



Nesses últimos anos muitas críticas têm sido feitas ao ensino da Língua Portuguesa no Brasil, que está sendo mal-ensinada, que os alunos não sabem nada. No entanto, após os concursos vestibulares, por exemplo, os resultados demonstram maior número de reprovação em outras disciplinas, o que significa não ser a Língua Portuguesa a única responsável pela defasagem dos concursos realizados pelo Brasil afora.

"O problema não é o ensino de Português, mas a cultura geral, que se reflete evidentemente na linguagem e através da Língua Portuguesa" (Bechara, 1980:64).

O professor de língua materna, neste caso o ensino do Português, é um professor que vai preparar o homem para um nível superior de função social, onde o código escrito tem relevante importância porque é o repositório de uma geração para outra geração, daí merecer o código escrito, a preocupação do professor, do lingüista e de todos aqueles que se dedicam ao estudo da Língua Portuguesa.

É preciso salientar que o professor de Português deve ter uma visão lingüística, para que não incorra no erro de deformar a matéria literária, o texto, que é o instrumento básico de suas aulas.

Regina Buongermino salienta que:

"O texto didático, apoio do professor na sua tarefa de transmitir as regras do sistema aos alunos, baseia-se na gramática normativa tradicional. Esta, porém, não satisfaz às necessidades do mestre, falta-lhe clareza e adequação de critérios.

Advém daí a dificuldade dos discípulos em compreender aquelas normas que lhes são prescritas" (1980:44).

Mas, o que seria dos professores de Português se não existissem as gramáticas? Como provar aos alunos que existem normas para o bom uso da língua?

O que se faz necessário e com urgência, é o saber usar a gramática. Ela é um meio e não um fim para o ensino da língua.

Deve o professor de Língua Portuguesa, diante das dificuldades de clareza e adequação de critérios de que fala Buongiorno, discutir e pesquisar junto com os demais colegas, adotando critérios e procurando soluções cabíveis para as diversas situações-problema.

O que não deve acontecer é a acomodação do professor diante desse ou daquele obstáculo.

A gramática é elemento básico e fundamental no estudo da língua.

"Entretanto, se a gramática se tem avançado no campo metodológico e a lingüística tem contribuído principalmente pelo trabalho daqueles que digiram, que têm digerido a lingüística, a lingüística tem causado um grande mal para aqueles que ruminam a lingüística. Então esse trabalho, o Professor de Português hoje não assume, infelizmente, e há honrosas exceções em todas essas declarações. Ele não assume a posição de Professor de Português. Ele assume a posição de lingüista, e aí confunde o seu objetivo dentro da sala de aula. A primeira grande confusão é o desprestígio que vem causando ao código escrito" (Bechara, 1980:65).

Deve-se admitir que para o bom uso da língua é necessário obediência a certas normas para bem falar e escrever.

Daí, a razão desta pesquisa, que se vale da língua escrita e das regras de concordância verbal encontradas nas gramáticas de Língua Portuguesa para desenvolver o presente

trabalho.

São examinados alguns conceitos de concordância propostos por estudiosos da Língua Portuguesa e pesquisadores da linguagem.

A população-alvo é formada por alunos da segunda, quarta, sexta e oitava séries do primeiro grau e por alunos da terceira série do segundo grau, dos sexos masculino e feminino, numa faixa etária de sete a dezoito anos, em Escolas Particulares e Estaduais.

Para a descrição da análise de dados da concordância verbal tomou-se por base os princípios que norteiam a correta utilização da língua padrão no Brasil, como são apresentados nas gramáticas de Cegalla, Cunha, Bechara, Said Ali, Luft e outros.

O assunto concordância verbal é uma das preocupações das gramáticas normativas da Língua Portuguesa e é bastante complexo. Por esta razão, procura-se demonstrar o seu funcionamento e a sua aplicabilidade em alunos de primeiro e segundo graus.

Inicialmente, este trabalho estava voltado para o estudo das regras de concordância verbal em redações de alunos de primeiro e segundo graus, mas depois de ser feito um experimento piloto constatou-se que para um trabalho profundo de concordância verbal, precisar-se-ia um número mínimo de dez a quinze redações de cada aluno para se obter um número representativo de regras de concordância da Língua Portuguesa, o que, em curto espaço de tempo, não permitiria concluir a pesquisa. Seria um trabalho longitudinal a ser desenvolvi-

do paulatinamente.

Passou-se então, à realização deste estudo, através de um questionário constando de dados pessoais, nível de instrução dos pais, perguntas sobre os hábitos de leitura e de escrita; além desse questionário aplicou-se um teste de lacunas, abrangendo cinquenta e duas regras de concordância verbal, induzindo o aluno à produção das mais variadas regras, de acordo com a sua competência.

O presente trabalho consta de cinco capítulos, assim ordenados:

No Capítulo I são enfocados o problema, objetivos, delimitações e limitações do trabalho e justificativa.

No Capítulo II apresenta-se a revisão da literatura, a concordância na Língua Portuguesa, concordância nominal, concordância verbal e as regras de concordância verbal.

Desenvolve-se no Capítulo III a metodologia da pesquisa, abrangendo população, critério de escolha da população, descrição e aplicação do instrumento, coleta e análise de dados.

A análise e a discussão dos resultados compõem o Capítulo IV. Terminando, conclusões e sugestões formam o Capítulo V.

## CAPÍTULO I

### 1.0. O PROBLEMA

Por ser a escrita componente indispensável à sociedade moderna, a presente pesquisa realiza, no mundo da escrita, um estudo sobre a aplicabilidade e o uso das regras de concordância verbal da Língua Portuguesa.

Não existem respostas simples para as muitas questões referentes à concordância verbal, assim como não existem respostas simples para os problemas enfrentados atualmente nas aulas de Português. Mas, existe sim, a busca de um caminho melhor para a compreensão e aplicação das normas ditadas pela língua padrão, procurando não isolar o fato gramatical, mas situando-o num contexto expressivo e orientado para a plenitude da comunicação.

Cabe à concordância, acomodar certas palavras à feição de outras consideradas principais.

Pode ser nominal — o adjetivo concorda com seu substantivo em gênero e número; pode ser verbal — o verbo con

corda com o seu sujeito em número e pessoa. Esses dois princípios comportam na prática, sérias dificuldades, mas aqui tratar-se-á apenas da concordância verbal, dada a complexidade de deste assunto.

Tanto as palavras como os seus compostos oracionais guardam relações entre si e a parte da gramática que se preocupa com essas relações denomina-se sintaxe. Precisa-se então, de conhecer certas normas da Língua Portuguesa e, entre as muitas estabelecidas encontram-se as da concordância verbal, orientando e disciplinando as palavras que, dispostas numa ordem lógica, devem ser relacionadas e se acomodar entre si corretamente.

Depara-se com erros de concordância verbal em trabalhos escritos de alunos de primeiro e segundo graus. Mesmo sendo apresentado pelas gramáticas da Língua Portuguesa um acervo considerável dessas regras e, nos livros texto adotados, encontrarem-se exercícios significativos sobre o assunto, boa parte dos estudantes ainda parece desconhecer algumas das normas que regem a concordância verbal.

Baseando-se nessas dificuldades, pretende-se descrever e analisar a extensão da variabilidade da concordância verbal em alunos de nível de escolaridade variável e de níveis sócio-econômico-culturais diferentes.

### 1.1. Objetivos

Esta pesquisa tem como objetivos:

- 1 - Identificar, através da análise de dados, os acer-

tos das regras de Concordância Verbal mais frequentes em alunos de 2ª, 4ª, 6ª e 8ª séries do 1º grau e de alunos da 3ª série do 2º grau, vistos em conjunto;

2 - Detectar se a incidência de erros de Concordância Verbal expressa no desempenho dos alunos, através do teste de lacunas, vai se repetir longitudinalmente das primeiras séries do 1º grau até a 3ª série do 2º grau;

3 - Observar, através da comparação, se os diversos grupos sócio-culturais em estudo,  $A_1$ ,  $A_2$ ,  $B_1$ ,  $B_2$  apresentam os mesmos acertos no uso das regras de Concordância Verbal;

4 - Verificar se os alunos cujos pais costumam ler têm maior número de acertos que aqueles cujos pais não lêem;

5 - Verificar se os alunos que têm o hábito da leitura apresentam número de acertos de Concordância Verbal diferentes das dos alunos que não têm esse hábito;

6 - Observar se os alunos que gostam de escrever apresentam maior número de acertos que os alunos que não gostam de escrever;

7 - Constatar se os alunos do sexo masculino têm um desempenho diferenciado nas regras de Concordância Verbal das dos alunos do sexo feminino;

8 - Verificar quais as estratégias usadas pelos alunos na solução dos problemas de Concordância Verbal.

## 1.2. Delimitações e Limitações do Trabalho

A concordância verbal foi explorada na população estudada sob quase todos os aspectos apresentados pelas gramáticas da Língua Portuguesa.

Através da aplicação de um teste de lacunas, com 52 regras de concordância verbal, registraram-se os casos mais usados pela população-alvo, considerando corretas as formas que estivessem de acordo com o que dita a gramática.

Processou-se um estudo quantitativo referente aos acertos das regras de concordância verbal e um estudo qualitativo no que concerne às variações e às frequências de determinadas regras, tanto nos grupos  $A_1$  e  $A_2$ , como nos grupos  $B_1$  e  $B_2$ .

A intenção foi, portanto, abordar um problema de interesse imediato das escolas de primeiro e de segundo graus, em virtude das inadequações do uso da concordância verbal observadas constantemente em redações de alunos de vários níveis de escolaridade.

São estudados 52 casos de concordância verbal, organizados em dez grupos, dispostos da seguinte maneira:

- 1 - Sujeito simples.
- 2 - Sujeito composto.
- 3 - Concordância com substantivos próprios no plural.
- 4 - Concordância com o verbo passivo.
- 5 - Verbos impessoais.
- 6 - Casos especiais.
- 7 - Concordância do verbo ser.



- 8 - Concordância dos verbos bater, dar, soar.
- 9 - Concordância do verbo parecer.
- 10 - Expressões.

A realização da pesquisa impôs um estudo de todas as orações encontradas no teste de lacunas que compunham o corpus, de modo a garantirem o uso de todas as 52 regras de concordância verbal pelo aluno.

Decidiu-se estender este estudo a todas essas regras, para que se tivesse uma visão mais ampla das dificuldades espelhadas na escrita de alunos de primeiro e segundo grau.

Considerou-se também, a diferença entre os sexos masculino e feminino, alunos de primeiro entre alunos de segundo grau, alunos que lêem e alunos que não lêem, alunos que escrevem fora dos deveres da escola e alunos que não escrevem fora dos deveres escolares e ainda, alunos filhos de pais que têm o hábito da leitura e os filhos de pais que não lêem. Portanto, as regras de concordância verbal serão estudadas observando todos esses aspectos, para se detectar até que ponto essas variáveis interferem no desempenho dos alunos.

No entanto, dentro das limitações desta pesquisa, não foram controlados:

- Q I dos alunos.
- Idade.
- Profissão dos pais.
- Fator econômico.
- Emprego de formas verbais em tempos diversos.

- Erros de grafia que não prejudicassem o conteúdo semântico da oração.

É importante, também, salientar, que o trabalho apresenta limitações metodológicas e de análise, e os resultados apresentados devem ser interpretados e tem validade dentro destas limitações.

### 1.3. Justificativa

A todo instante o homem se serve da palavra escrita ou falada para entrar em comunicação com os outros. No entanto, há necessidade de que toda a sociedade humana tenha uma linguagem padrão pela qual se oriente e isso, será possível no momento em que a criança entra em contato direto com a escola e cabe à escola a tarefa de enquadrar a criança dentro destes padrões.

A criança ao entrar para a escola tem a sua linguagem pobre ou rica, quase o bastante para atender às suas necessidades de expressão e de comunicação. Deverá então, o professor, orientá-la e assisti-la ao longo do curso, onde ela deverá ser desafiada a escrever registros diversos, utilizando diferentes tipos de redação. Esse trabalho, sendo colocado nas suas experiências anteriores, somados ou não à sua vivência, servir-lhe-á de base para o trabalho da língua escrita.

Surge assim, a redação, atividade importante no acompanhamento do desempenho do aluno na escrita. Esta redação é no sentido de oportunizar o aluno a expor suas idéias atra

vês da escrita. E que estas idéias surjam através de estímulos provocados pelo professor, através de títulos, de quadros, de retratos, de figuras, de leituras, de objetos, de audição de músicas, plenamente discutidas através de esquemas montados pelo professor e pelos alunos. O importante é fazê-los escrever, exercitar a escrita.

Convém ressaltar que, não só a criatividade permite que o aluno redija bem. No máximo, ele poderá desinibir-se, escrevendo o seu coloquial, passando para o papel algum conteúdo eliciado pelas técnicas empregadas em aula.

"Entretanto, nem idéias nem formas lingüísticas se criam do nada. Se o cérebro do aluno não for constantemente alimentado, se ele não adquirir pela prática um repertório lingüístico, não terá ao que ampliar sua criatividade" (Hiran, 1981:5).

Todo aquele que escreve, o faz porque tem conhecimento do mundo que o cerca, seja através da convivência direta com os seres em geral, seja através dos livros, das revistas, do rádio, da televisão, do cinema; seja através das pessoas com as quais convive. O escrever exige um saber lingüístico e uma organização mental. Portanto, enquanto o aluno não for incentivado e realimentado constantemente, ele não despertará para a escrita.

Saber escrever impõe determinadas regras gramaticais e, como diz Câmara Júnior, 1978:17. "Grande número de regras e orientações gramaticais decorre das exigências da língua escrita para a comunicação ser plenamente eficiente na ausência forçada de muitos recursos, que complementam e consubs-

tanciam a linguagem oral." Portanto, é preciso despertar no aluno o interesse pela escrita em qualquer ato de comunicação, o qual é impulsionado por uma necessidade.

A escrita goza de certos privilégios em relação à fala, não que esta seja menos importante que aquela, mas uma mensagem escrita é relativamente permanente, enquanto que a fala é transitória. Uma vez emitida, a palavra oral se perde para sempre, a não ser com a presença das técnicas eletrônicas, mas uma mensagem escrita pode ser preservada para posteriores pesquisas e ainda, sem sobrecarga para a memória. Pode também, ser lida por milhares de pessoas em diferentes épocas e lugares.

Diz Langacker que

"a sociedade moderna tem uma dívida enorme para com a escrita. Não se trata apenas de uma convivência; nessa civilização altamente integrada e tecnologicamente orientada dificilmente poderia ter uma existência de qualquer maneira semelhante à atual se não existisse capacidade de documentar e preservar mensagens linguísticas. Para nos darmos conta disso, talvez seja suficiente tentarmos imaginar o estado caótico em que ficariam as coisas se desaparecessem para sempre todas as representações escritas da língua" (1975:67).

Muita coisa não se poderia fazer sem a presença da escrita, todo e qualquer tipo de documentação escrita desapareceria, mesmo com o avanço da comunicação eletrônica.

Sabe-se que quanto mais complexa se torna a civilização e quanto maior a quantidade de informações a serem conservadas e transmitidas, ainda mais necessária se tornará a palavra escrita.

O homem moderno está mergulhado na linguagem. Rádio, te

levisão, cinema, jornais, livros, revistas e os mais varia dos documentos estão aí, de manhã à noite, e em todos os países do mundo, a um ritmo tão acelerado que há poucos anos jamais se poderia imaginar que isso fosse possível. A verdade é que as características desta época - angústias, conflitos e aflições parecem estar na complexidade da comunicação orale/ou escrita entre os homens.

Em face desse aspecto da linguagem, é justo que se zele com mais assiduidade pelo polimento da frase, dando aos jovens uma orientação capaz de levá-los a pensar com clareza, objetividade e espontaneidade para que possam se expressar.

A língua escrita constitui um fator poderoso de cultura e de unificação, sendo pois, o principal fator de conservação lingüística.

Todo o indivíduo tem desejo de aprender a redigir, pôr no papel suas idéias e seus sentimentos, desenvolvendo sua capacidade de pensar, de raciocinar, de construir o pensamento.

A linguagem atinge todo o campo da atividade humana, em bora o homem, na comunicação corrente, no cotidiano pratique a linguagem quase automaticamente como se não prestasse atenção às suas regras e a maneja com um conhecimento implícito das suas normas.

Tudo isso implica não só no desenvolvimento da expressão como no da compreensão.

Expressa-se e compreende-se oralmente quando se fala e se ouve, respectivamente, e se expressa e se compreende

por escrito, quando se escreve ou se lê, respectivamente. São diferentes formas de comunicação. Ambas de capital importância na vida social, sendo que a comunicação oral é mais frequente e a escrita exige mais cultivo, maior aprendizagem. E, por isso, este trabalho, dentro da comunicação escrita, restringir-se-á ao uso das regras de concordância verbal, de acordo com a Gramática Normativa da Língua Portuguesa.

E assim, a presente pesquisa encontra justificativa no argumento de que "preliminarmente, devemos procurar estabelecer o prestígio que não pode deixar de assumir a língua escrita nas sociedades que se querem cultas, pois é ela que, por sua maior estabilidade, tende a codificar as normas do falar geral nos idiomas que tem história, como o português" (cf. Cunha, 1976:31-32).

Diante do exposto, saber falar e saber escrever bem é sem dúvida de grande importância para a comunicação ampla e eficiente entre os homens, no entanto, deve-se disciplinar a linguagem, considerando as leis ditadas pelas gramáticas normativas.

No próximo capítulo, o de Revisão da Literatura, serão abordados alguns conceitos de concordância verbal emitidos por alguns gramáticos, lingüistas e estudiosos da Língua Portuguesa, como também um comentário sobre as regras de concordância verbal.

## CAPÍTULO II

### REVISÃO DA LITERATURA

#### 2.0. A Concordância na Língua Portuguesa

A concordância é o fenômeno sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, flexionalmente, com as palavras de que dependem.

Um substantivo ou um pronome pode exercer pressão de alteração formal sobre os pronomes que o representam, os verbos de que ele é sujeito e os adjetivos ou participípios que a ele se referem. Como resultado dessa coerção formal, os pronomes se flexionam em pessoa, gênero e número; os verbos, em pessoa e número; os adjetivos e participípios, em gênero e número, em relação ao substantivo ou pronome a que se referem. Existem dois tipos de concordância: a nominal e a verbal.

A concordância nominal é a que se realiza entre adjeti

vos, pronomes, artigos e numerais, concordando em gênero e número com os substantivos determinados.

A concordância verbal é a que se dá entre o verbo e o sujeito, observando número e pessoa. A esse processo de ajustamento entre os elementos envolvidos, determinados e determinantes, é que se chama de Concordância Gramatical.

Domingos Paschoal Cegalla em sua Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, diz o seguinte:

"Concordância é o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras de que dependem..." (1977:286).

Constata-se que a Gramática Normativa enfoca o assunto concordância gramatical com ênfase, pois a considera como uma regra a ser seguida para se bem falar e escrever a Língua Portuguesa. Dentro desta perspectiva a gramática tem o seu papel no processo didático, ainda que não se saiba claramente como essa informação gramatical deva ser abordada para que as crianças possam ter o domínio efetivo dessas regras, dentro do seu processo comunicativo.

Gladstone Chaves de Melo, em sua Gramática Fundamental da Língua Portuguesa, assim trata da concordância:

"Consiste a concordância no ajustamento de dependências entre termos subordinantes e os subordinados na oração.

A concordância é, pois uma consequência do flexionismo, isto é da faculdade que têm certas línguas, como o português, de indicarem, por meio de determinadas alterações na terminação, os acidentes ou categorias gramaticais, de gênero, número, pessoa e voz, etc. (1970:340).

Em Português, o adjetivo e o artigo recebem as marcas do substantivo ao qual se referem. O verbo vai para a pessoa



e o número do seu sujeito. Essa variação lembra assim que a pessoa ou a coisa de que se fala é "singular" ou "plural", o que permite eliminar esta ou aquela ambigüidade. A variação em pessoa faz também com que se possa lembrar a relação existente entre o sujeito e o falante: em nós falamos, o falante é sujeito ("eu" está entre o sujeito de falamos), o que não se dá em vós falais. O adjetivo, e, muitas vezes, o substantivo, predicativos do sujeito ou do objeto, seguem a variação destes, em gênero e número como em Elas são lindas, ou em Julgo-as lindas (cf. Dubois, 1978:136).

Existe ainda, a concordância ideológica ou figurada, que é observada nos estudos estilísticos, portanto foge ao padrão estrutural da frase. Segundo Gladstone Chaves de Melo, concordância figurada é a que se opera, não com um termo expresso, mas com um termo latente que se subentende (1970:206).

Exemplo: Amigos e irmãos saímos todos para a festa.

Como se vê, a concordância é um campo vastíssimo, entrando muitas vezes, em conflito com a rigidez gramatical e os direitos pertencentes à imaginação e à sensibilidade. Há momentos em que se despreza o critério gramatical, atendendo apenas à idéia representada pela palavra, fazendo-se a concordância com aquilo que se tem em mente.

Para Evanildo Bechara, concordância é "... o fenômeno gramatical que consiste em o vocábulo determinante adaptar-se ao gênero, número e pessoa do vocábulo determinado. A concordância pode ser nominal e verbal" (1967:361).

Essa conceituação de Bechara vem corroborar com o que

diz Carlos Goes, em Syntaxe de Concordância:

"Concordância é a conformidade de flexão de certas palavras à flexão de outras de que dependem. São as palavras regidas ou subordinadas que se acomodam à flexão das regentes ou subordinantes. A conexão grammatical decorrente da regência implica como consequência lógica e imediata a conformidade de flexão.

A concordância estabelece uma relação de identidade entre a palavra regida e a regente, entre o modificador e o termo modificado" (1923:25).

Há, portanto, um consenso nos conceitos de concordância gramatical, variando apenas a nomenclatura.

Francisco da Silveira Bueno, em sua gramática normativa da Língua Portuguesa, trata da concordância:

"... há na frase duas categorias de vocábulos: regentes e regidos; palavras que exercem determinada influência em outras e palavras que recebem tal influência... É a conformidade em gênero, número e pessoa entre a palavra regente e a palavra regida" (1968:268).

Aqui, Silveira Bueno classifica os termos regentes e os termos regidos como duas categorias de vocábulos, o que até agora nenhum dos estudiosos citados menciona.

J. Mattoso Câmara Jr. conceitua concordância assim:

"Dá-se em gramática o nome de concordância à circunstância de um adjetivo variar em gênero e número de acordo com o substantivo a que se refere (concordância nominal) e a de um verbo variar em número e pessoa de acordo com o seu sujeito (concordância verbal)" (1978:116).

Ele não apresenta um conceito específico de concordância, já a conceitua como concordância nominal e concordância verbal.

Mais adiante acrescenta: "este princípio geral é sistemático, e não apresenta em si motivo para hesitação ou dificuldade.

Há, não obstante, casos especiais que se prestam a dúvidas" (Ibid. 116).

Celso Pedro Luft assim conceitua concordância: "Princípio segundo o qual certos termos (determinantes, dependentes) se adaptam às categorias gramaticais de outros (determinados, principais)" (1976:126).

No conceito dado por Luft é demonstrada a relação de dependência entre os termos da oração.

Said Ali apresenta concordância assim: "Consiste a concordância em dar a certas palavras flexionáveis as formas de gênero, número ou pessoa correspondentes à palavra a que no discurso se referem" (1964:279).

O autor salienta as formas de gênero, número ou pessoa, situando-as no discurso.

Francisco Borba em Pequeno Dicionário da Linguística Moderna diz:

"Uma redundância típica da linguagem humana, que consiste na identidade formal entre os elementos relacionados na frase. Se as unidades são sintaticamente equivalentes ou estão relacionadas de forma análoga recebem afixos idênticos ou funcionalmente equivalente" (1971: 47).

Borba introduz uma série de termos constantes nos demais conceitos apresentados até o momento, mas pode se dizer que há semelhança de significação, uma vez que esses conceitos de concordância dizem que deve haver harmonia entre os

elementos principais na frase. Ele afirma que "há uma redundância típica da linguagem humana".

Quanto à identidade formal entre os elementos que se relacionam na frase; fala também nos afixos idênticos ou equivalentes que os elementos recebem. E, falando em afixos, se pode falar na colocação de Martin que diz:

"Também podemos explicar que o "plural" dos verbos nada mais é que o reflexo dum sujeito coordenado: quando há tal sujeito, ele marca o verbo para o número; quando não, não. Podemos explicar, ainda, que quando o verbo toma um afixo que veicula um valor temporal, o resultado é uma "forma temporal básica", e que esta só muda de desinência quando o sujeito contém, adicionalmente, eu, tu, ou uma coordenação, de modo que quando não há sujeito algum, é essa a forma que aparece nas orações"  
(Martin in Revista Brasileira de Linguística, 1975:67).

Em seu artigo Martin conclui que a concordância não obedece a critérios semânticos, mas sim a critérios formais "Para expressar com exatidão a generalidade as condições em que se dá a concordância, precisamos formalizar e acurar nos sa definição de sujeito e de predicado..." (1975:55).

Carlos Goês, em Syntaxe de Regência afirma que:

"... sendo a concordância a conformidade de flexão que estabelece uma relação de identidade de do termo regido ao termo regente - é fácil deprender que essa dependência do termo regido ao termo regente se constitui a razão de ser da concordância, em torno da qual gravitam os diversos fenômenos de flexão sintática"  
(1925:11).

Diante de todos esses conceitos de concordância, pode-se concluir que a concordância deve sempre estabelecer uma relação de identidade e de harmonia entre o termo determinante e o termo determinado, para que haja perfeito entendimen-

to da frase.

Como foi dito anteriormente, a Concordância Gramatical é classificada em Concordância nominal e Concordância verbal.

Ver-se-á a seguir, alguns conceitos específicos de concordância nominal e, logo após, alguns conceitos de concordância verbal.

### 2.1. Concordância Nominal

A concordância nominal dá-se entre os termos regentes e os termos regidos, ou entre os termos subordinantes e os termos subordinados do sintagma nominal, os quais se flexionam em gênero e número, harmonizando-se uns aos outros. Como na frase: "As alunas estudiosas e dedicadas". Neste exemplo, os adjetivos e o artigo são as palavras regidas em relação ao substantivo "alunas", que é a palavra regente em relação aos adjetivos e ao artigo, estas, portanto, são as palavras regidas que devem acomodar-se, na flexão, à regente (alunas). Às vezes, a flexão formal da categoria de gênero ou de número no sintagma nominal, é feita só pelo termo determinante, não aparecendo no termo determinado, como ocorre nos exemplos: o artista, a artista, o ônibus, os ônibus, o pianista, a pianista, o artista, a artista.

Para Domingos Paschoal Cegalla, em sua Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, a concordância nominal ocorre

quando: "Os adjetivos, pronomes, artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos determinados (concordância nominal)" (1977:286).

Evanildo Bechara, conceitua concordância nominal em sua Moderna Gramática Portuguesa.

"Concordância nominal é a que se verifica em gênero e número entre adjetivo, pronome adjetivo, artigo, numeral ou particípio (vocábulos determinantes) e o substantivo ou pronome (vocábulos determinados) a que se referem" (1967:295).

Comparando-se os conceitos acima, dados por Cegalla e por Bechara, depara-se, no segundo, com o acréscimo de elementos não mencionados pelo primeiro. Bechara mostra os vocábulos determinantes e os vocábulos determinados, de maneira classificada.

Carlos Goês, em Syntaxe de Concordância, dá como regra geral de concordância nominal, o seguinte:

"O adjetivo, quando em caráter atributivo ao substantivo, isto é, quando vem qualificando ou determinando o substantivo - concorda este em gênero e número: homem são - mulher sã; homens sãos - mulheres sãs..." (1928:165).

Logo em seguida, ele explica a razão da regra:

"O adjetivo é palavra regida em relação ao substantivo, o substantivo é palavra regente em relação ao adjetivo; ora, são as palavras regidas que devem acomodar-se, na flexão, às regentes" (Ibid. 169).

Quando se fala em concordância nominal, o gênero da palavra sempre está presente, portanto é oportuna a colocação de Martin, quanto ao gênero, que afirma que os adjetivos têm variantes, que aparecem sob o estímulo de determinados

substantivos.

"Se não fosse o fenômeno da concordância, não haveria por que falar em gênero para descrever adequadamente esta língua. Mesa, por exemplo, "é feminino", justamente porque exige que certos outros elementos, quais sejam artigos e adjetivos, apareçam em formas também ditas "femininas". Mas, se todo substantivo aceitasse somente os artigos um, uns; o, os; e os adjetivos bom, bons; largo, largos, etc., não haveria concordância genérica e, portanto, não haveria gênero" (1975:4).

Deduz-se que o gênero e a concordância estão intimamente ligados, uma vez que um é complementação do outro.

Cumpra, portanto, que seja seguida "a estrada batida de uma praxe gramatical, encontrada na experiência e na observação do uso amplo" (Câmara Júnior, 1978:116).

Abordados esses tópicos de concordância nominal, passar-se-á à concordância verbal.

## 2.2. Concordância Verbal

A concordância verbal dá-se entre o verbo e o seu sujeito, através da harmonia das desinências número-pessoais do verbo ao número e pessoa do sujeito a que se refere. O verbo deverá, pois, assumir o mesmo número e a mesma pessoa de seu sujeito. Esta conformidade de flexão estabelece uma relação de identidade, entre os dois termos mais importantes da frase, sujeito e predicado.

Domingos Paschoal Cegalla, diz que: "O verbo concordará com o seu sujeito em número e pessoa (concordância ver-

bal)" (1966:286).

Mais adiante, o autor aborda o assunto concordância verbal, apresentando regras gerais em harmonia com a concordância do verbo com o sujeito.

Evanildo Bechara assim conceitua a concordância verbal: "A concordância verbal é a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito e (às vezes o predicativo) o verbo da oração" (1967:362).

O autor inclui o predicativo em seu conceito, o que passará a ser uma particularidade da regra de concordância verbal.

Carlos Góes apresenta como regra geral de concordância verbal, o seguinte: "O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa: Eu sou feliz - Tu és feliz - nós somos felizes Pedro e Paulo são felizes" (1923:29).

E ainda acrescenta: "É o verbo que concorda com o sujeito, e não este com aquele, porque o verbo é palavra regida do sujeito, porque o sujeito é palavra regente do verbo, e são as palavras regidas que concordam com as regentes, e não estas com aquelas" (1923:30).

Góes apresenta um trabalho completo, minucioso, rigoroso e profundo sobre a sintaxe de concordância, dando uma visão geral e detalhada sobre todos os casos de concordância, a respeito dos quais, se possam ter dúvidas.

Celso Cunha em "Gramática do Português Contemporâneo" diz que:

"A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na con-



cordância, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito" (1976:332).

A regra geral de concordância do verbo, é apresentada por ele, da seguinte maneira: "O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito, venha ele claro ou subentendido"(1976:339).

Quando o sujeito é formado por mais de um elemento, ele diz que o verbo vai para o plural: "O verbo que tem mais de um sujeito (sujeito composto) vai para o plural" (1976:340).

J. Mattoso Câmara Júnior, em História e Estrutura da Língua Portuguesa, conceitua concordância verbal assim:

"A concordância verbal, em número, é o mecanismo básico para relacionar um verbo na terceira pessoa ao substantivo que é seu sujeito... a concordância verbal é assim, em português, o mecanismo sintático fundamental para a indicação de um substantivo sujeito" (1976:248).

Referindo-se ao sujeito composto, em nota de rodapé, diz que o verbo vai para o plural quando o sujeito é constituído de dois ou mais substantivos no singular, mas a posposição do sujeito ao verbo, propicia a variação-livre do verbo no singular, para concordar com o substantivo singular imediatamente seguinte (cf. Câmara Júnior, 1976:248).

Já em seu Manual de Expressão Oral e Escrita, o autor trata da concordância verbal, quando um verbo se refere a mais de um sujeito distinguindo dois casos:

"1) se o verbo se segue aos sujeitos vai para o plural, concordando com todos eles. Há exemplos de ficar o verbo no singular, porque os substantivos são mais ou menos equivalentes, mas é um tanto anômala essa construção e é melhor evitá-la. Ex.: A infantaria e a avia-

ção atacaram com ímpeto.

2) se o verbo precede os sujeitos, já é perfeitamente natural deixá-lo no singular concordando com o mais próximo (se todos estão no singular), mas não há a respeito nada de rigorosamente determinado, e o verbo também pode ir para o plural. Daí os dois exemplos opostos de Camões, que Said Ali registra lado a lado (Gramática Secundária, cit., p. 206).

a) "Ouviu-o o Douro e a Terra transtagana".

b) "Cobrem ouro e aljôfar ao veludo" (1978: 177-118).

Até aqui, os casos são de sujeitos substantivos, ou seja, todos da 3ª pessoa, mas a dificuldade aparecerá no número.

Diz ele que a questão se complica com a concordância de pessoa quando se tem como sujeitos eu e tu; eu e ele (ou vocábulo equivalente), e tu e ele (ou vocábulo equivalente).

Observa-se que a concordância entre "tu e ele" torna-se artificial em razão do desuso do tratamento da 2ª pessoa do plural (vós), porque tanto na forma oral como na escrita, a concordância entre "tu e ele", como sujeitos, por exemplo — Tu e ele sereis meus amigos — parece inclinar-se para a 3ª pessoa do plural — Tu e ele serão meus amigos. Tal uso não é estranho em autores modernos.

Francisco da Silva Borba, em Introdução aos Estudos Lingüísticos, conceitua a concordância verbal assim:

"Concordância do verbo com o sujeito — o elemento comum a ambos é o número. É elementar e lógico que a um sujeito no singular corresponda um verbo no singular ou sujeito plural peça verbo no plural" (1972:244).

Acrescenta na página seguinte: "Concorda o verbo em pessoa com seu sujeito, esteja ela clara ou oculta" (1972:245).

Borba diz que o elemento comum ao verbo e ao sujeito é o número, mas em seguida, cede lugar à pessoa verbal. De maneira que número e pessoa estão para ele, presentes na concordância verbal.

Francisco da Silveira Bueno afirma que: "O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa" (1968:307).

Em seguida, diz o seguinte:

"Quando o sujeito é formado por palavras de pessoas gramaticais diferentes, convencionou-se que se desse primazia à primeira pessoa do plural e depois desta à segunda e finalmente à terceira. Tal convenção desaparece, ante a intenção clara do escritor de dar especial relevo a uma determinada pessoa. Neste caso, não se observa a ordem acima estabelecida" (Ibid.: 308).

A colocação feita pelo autor está de conformidade com J. Mattoso Câmara Júnior, no que diz respeito à concordância pessoal.

Miriam Lemle e Anthony Naro em "Competências básicas do português", chegaram à conclusão, do ponto de vista teórico, que: "a regra de concordância verbal é de sumo interesse porque ela é um exemplo de uma regra sintática que se encontra atualmente em processo de mudança" (1977:40).

No ponto de vista prático, os autores chegaram à conclusão de que:

"Numa tentativa de ensinar ao Mobralense o uso categórico da regra de concordância, de acordo com a norma culta, deve ser colocada mais ênfase naqueles aspectos em que seu dialeto mais difere daquela norma" (Ibid.: 50).

Como sugestão, os autores recomendam, como princípio didático, que as explicações e os primeiros exercícios apro-

veitassem os contextos mais altos na hierarquia de saliência, já que nestes casos o dialeto do Mobralesense está mais próximo da norma que se pretende ensinar. Após essa fase inicial, os treinos devem focalizar os pontos de discrepância, de acordo com a hierarquia.

Nessa pesquisa, um dos pontos focalizados foi a regra de concordância do verbo com o sujeito na variedade da linguagem oral empregada pelos Mobralesenses. Na linguagem escrita e na fala das pessoas cultas essa regra é categórica, o verbo sempre concorda com o sujeito em pessoa e número.

Terezinha de Jesus de Carvalho Nina, em recente pesquisa realizada no Estado do Pará, chegou à conclusão de que as regras de concordância nominal e concordância verbal são variáveis para os analfabetos da micro-região bragantina e que também pode ocorrer na linguagem de pessoas de classe social mais privilegiada (cf. 1980:158-159).

Nádia Vellino Tondo em suas conclusões gerais diz: "a concordância verbal no Português não é sempre mero processo de redundância de marcas entre o termo determinante e seu determinado" (1976:172).

Na página seguinte, a autora acrescenta, como segunda etapa de suas conclusões, o seguinte: "O educando deve também ser encorajado a utilizar eficientemente os padrões de concordância que foi assimilado de modo gradativo" (Ibid.: 173).

Mário A. Perini, Gramática do Infinitivo Português afirma que:

"Os verbos em português concordam em número e

pessoa com seu sujeito. Podemos exprimir facilmente esse fenômeno postulando uma regra (concordância) que copia no verbo os traços de número e pessoa do sujeito" (1977:70).

Conforme Perini esta é uma regra extremamente comum, encontrada com as mesmas características gerais em um grande número de língua do mundo. Porém, na maioria das línguas, a Concordância é limitada a certas formas do verbo, tradicionalmente chamadas "finitas". As formas "infinitas" não sofrem a Concordância. Em português, entretanto os infinitos podem concordar com seus sujeitos, tal como as formas finitas do verbo. Por exemplo, "Vovô trouxe estes chuchus para nós comermos".

Em a Língua do Brasil, Gladstone Chaves de Melo diz sobre a redução das flexões da Língua Portuguesa no Brasil:

"o verbo também sofre bastante as conseqüências da simplificação. Muitas vezes só há oposição de desinência entre a primeira e as demais pessoas: eu compro; tu compra; ele compra, nóis compra; eles compra" (1971:78).

E mais adiante, Melo acrescenta:

"ora esse fato, ao que me consta, é absolutamente geral no Brasil, constituindo-se a nota mais original e típica dos nossos falares. Creio que no interior, não há exceção a esse tipo de pluralização e de conjugação" (Ibid.:98).

Diante dos conceitos expostos, pode-se concluir que tanto a concordância nominal como a concordância verbal são regras variáveis no sintagma nominal em gênero e número e, no sintagma verbal, em número e pessoa. E essa variabilidade pode se dar tanto na língua portuguesa falada como na escrita.

Passar-se-á agora, às regras de concordância verbal.

### 2.3. As Regras de Concordância Verbal

O ensino da gramática, até bem pouco tempo, era considerado isolado, ocupando lugar importante na escola, sendo motivo de preocupação para o professor.

Os alunos decoravam regras e mais regras, definições e classificações e quando as utilizavam na linguagem escrita ou falada, ainda cometiam erros. Era a gramática ensinada como um fim e não como um meio de se aprender a escrever e a falar bem.

"Em gramática tradicional, uma regra constitui um preceito para falar ou escrever bem" (Dubois et alii, 1978:515).

Pois bem, no momento está se tratando de regras de concordância verbal para o bom uso da língua. E, como todas as regras, também estas estão sujeitas a variações.

Por maior número de regras que se reúne em torno da concordância verbal, numerosos exemplos de alunos, professores e escritores excelentes fogem a elas ou as contradizem abertamente.

Verifica-se que, de um modo geral, os gramáticos apresentam as mesmas regras de concordância verbal, mas, para descrevê-las aqui, usar-se-ã uma linguagem calcada basicamente em Domingos Paschoal Cegalla, na sua Novíssima Gramática da Língua Portuguesa.

Todas as regras de concordância verbal estudadas foram agrupadas em dez sub-títulos, que atendem os 52 itens dados aos alunos, no teste de lacunas.

Eis as regras de concordância verbal e a indicação dos itens correspondentes ao teste aplicado.

### 1 - Sujeito Simples

O sujeito sendo simples, com ele concordará o verbo em número e pessoa (itens 1, 2, 6).

### 2 - Sujeito Composto

O sujeito é composto e da 3ª pessoa.

a) O sujeito sendo composto e anteposto ao verbo, leva geralmente este para o plural (item 3);

b) sendo o sujeito composto e posposto ao verbo, este poderá concordar no plural ou com o substantivo mais próximo (item 5);

c) se o sujeito composto for de pessoas diversas, o verbo se flexiona no plural e na pessoa que tiver prevalência, a 1ª pessoa prevalece sobre a 2ª e a 3ª; a 2ª sobre a 3ª (itens 4 e 7).

### 3 - Casos Especiais

Núcleos do sujeito unidos por ou.

a) se a conjunção ou indicar exclusão, ou retificação, o verbo concordará com o sujeito mais próximo (item 8).

b) O verbo irá para o plural se a idéia por ele expressa se refere a todos os sujeitos (item 9).

Há, no entanto, exemplos com o verbo no singular: "um príncipe ou uma princesa não casa sem um vultoso dote" ( Vi-

riato Correia).

Núcleos do Sujeito unidos por com.

a) Usa-se mais freqüentemente o verbo no plural (item 11).

b) Pode-se usar o verbo no singular quando se deseja dar relevância ao primeiro sujeito e também quando o verbo vier antes deste (item 10).

Núcleos do Sujeito unidos por nem.

a) Usa-se comumente o verbo no plural (item 12).

b) Todavia, é admissível a concordância no singular, mormente quando o verbo precede o sujeito (item 16).

Sujeitos Correlacionados

O verbo irá de preferência para o plural (item 13).

Sujeitos resumidos por tudo, nada, ninguém.

Quando o sujeito composto vier resumido pelos pronomes tudo, nada, ninguém, etc. o verbo concorda no singular (item 14).

Núcleos do sujeito são infinitivos.

O verbo concordará no plural se os infinitivos forem determinados, e no singular, se genéricos, indeterminados (itens 15 e 17).

Sujeito Coletivo.

O verbo concorda no singular com o sujeito coletivo no singular (item 18).

Se o coletivo vier seguido de substantivo plural e anteceder ao verbo, este poderá ir para o plural, quando se quer



salientar não a ação do conjunto, mas dos indivíduos (item 19).

A Maior parte de, grande número de

Sendo o sujeito uma das expressões a maior parte de, grande número de, etc., seguida de substantivo ou pronome no plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural, conforme se queira destacar a idéia de conjunto ou a idéia individual (item 20).

Um e outro, nem um nem outro

O sujeito sendo uma dessas expressões, o verbo concorda, de preferência, no plural (itens 21 e 22).

Um dos que, uma dos que

a) Os escritores modernos preferem o plural (item 23).

b) Deixar-se-á, contudo, o verbo no singular, quando este se aplica apenas ao ser de que se fala ou quando se deseja destacar o indivíduo do grupo (item 24).

Mais de um

O verbo concorda em regra no singular (item 25). O plural será de rigor se o verbo exprimir reciprocidade (item 28).

Quais de vós? Alguns de nós.

Sendo sujeito os pronomes interrogativos quais? quantos? ou os indefinidos alguns, muitos, poucos, etc., seguidos dos pronomes nós ou vós, o verbo concordará com estes últimos, mas também pode flexionar-se na 3ª pessoa do plural (item 27).

Pronomes relativos quem, que, como sujeito.

a) O verbo concordará, em regra, na 3ª pessoa, com os pronomes quem e que, em frases como a do item 26.

Todavia, a linguagem enfática justifica a concordância com o sujeito da oração principal.

b) A concordância do verbo precedido do pronome relativo que, far-se-á obrigatoriamente com o sujeito do verbo (Ser) da oração principal, em frases como a do item 29.

4 - Concordância com Substantivos Próprios no Plural

Certos substantivos próprios de forma plural, como Estados Unidos, Andes, Campinas, Lusíadas e outros, levam o verbo para o plural, quando se usam com o artigo, caso contrário, o verbo concorda no singular (item 30).

5 - Concordância do Verbo Passivo

O verbo apassivado pelo pronome apassivador se, concordará normalmente com o seu sujeito (item 31).

6 - Verbos Impessoais

Os verbos haver, fazer, chover (e outros que exprimem fenômenos meteorológicos) quando usados como impessoais, ficam na 3ª pessoa do singular como nos itens 32 e 33.

7 - Concordância do Verbo Ser

1) O verbo ser concorda com o predicativo nos seguintes casos:

a) Quando o sujeito for um dos pronomes tudo, o, isto, isso ou aquilo (item 34).

b) A concordância com o sujeito embora menos comum, é também lícita.

c) O verbo ser fica no singular quando o predicativo é formado de dois núcleos do singular (item 48).

2) Quando o sujeito é um nome de coisa, no singular, e o predicativo um substantivo no plural (item 47).

Obs.: O sujeito sendo nome de pessoa, com ele concordará o verbo ser.

3) Quando o sujeito é uma palavra ou expressão de sentido coletivo ou partitivo (item 36).

4) Se o predicativo for um pronome pessoal e o sujeito não for pronome pessoal reto (item 37).

5) Quando o predicativo é o pronome demonstrativo o (item 42).

6) Nas locuções é muito, é pouco, é demais, é menos de, etc., cujo sujeito exprime quantidade, preço, medida (item 41).

7) Na indicação das horas, datas, distâncias, sendo o verbo ser impessoal (itens 35 e 40).

Pode-se, entretanto, deixar o verbo no singular, concordando com a idéia implícita de "dia".

#### Locução de Realce "é que"

a) O verbo ser permanece invariável na expressão de

realce "é que" (item 44).

b) Da mesma forma se diz, com ênfase - Vocês são muito é atrevidos (Raquel de Queirões).

Em tais frases, "é que" e "é" são expletivos, ou de realce.

#### 8 - Concordância dos Verbos bater, dar, soar

Referindo-se às horas, os três verbos acima concordam regularmente com o sujeito, que pode ser horas (claro ou oculto), badaladas ou relógio (item 46).

#### 9 - Concordância do Verbo Parecer

Em frase em que o verbo parecer segue um infinitivo, pode-se flexionar o verbo parecer ou o infinitivo que o acompanha (itens 38 e 45).

Usando-se a oração desenvolvida, parecer concordará no singular (item 39).

#### 10 - Expressões Haja vista, Bem haja, Mal haja

##### Haja vista

Esta expressão pode ser constituída de três modos diferentes (itens 49, 50 e 51).

##### Bem haja, Mal haja

Usam-se em frases optativas e imprecativas, respectivamente. O verbo concordará normalmente com o sujeito, que vem sempre posposto (item 43 e 52).

São estas as regras de concordância verbal estudadas nesta pesquisa.

Passar-se-á ao capítulo da Metodologia, que enfocará a população, o instrumento, coleta e análise de dados.

## CAPÍTULO III

### 3.0. METODOLOGIA

Este trabalho pretende levantar uma realidade lingüística, discutindo e apontando soluções sobre a concordância verbal em alunos de primeiro e segundo graus.

A metodologia abrangerá a população, critérios de escolha da população-alvo, descrição do instrumento usado, aplicação desse instrumento, coleta e análise de dados.

#### 3.1. A População

Esta pesquisa realizou-se em Escolas Particulares e Escolas Estaduais, de Florianópolis, SC, nos anos de 1960 e 1981.

As Escolas Particulares estão situadas no centro da cidade. São Escolas dotadas de recursos didático-pedagógicos e humanos, funcionando dentro de um padrão favorável ao processo ensino-aprendizagem.

As escolas públicas situam-se no centro da cidade e na periferia. Duas dessas escolas apresentam um grande número de alunos, com aulas diurnas e noturnas. Também elas apresentam

recursos humanos e didático-pedagógicos favoráveis ao bom desempenho dos alunos.

As demais escolas, com um número razoável de alunos, funcionam de maneira satisfatória, atendendo às necessidades do aluno e do professor.

Nessas escolas, a população estudada foi de alunos de 2ª, 4ª, 6ª e 8ª séries do primeiro grau e alunos da 3ª série do segundo grau, dividindo-se em grupos  $A_1$ ,  $A_2$ ,  $B_1$  e  $B_2$  de acordo com um critério sócio-cultural.

Os grupos  $A_1$  e  $A_2$  reúnem alunos filhos de pais com nível superior e os  $B_1$  e  $B_2$  alunos cujos pais não têm nível de instrução superior.

Grupos:  $A_1$  - Escolas Particulares (centro)  
 $A_2$  - Escolas Estaduais (centro)  
 $B_1$  - Escolas Estaduais (centro)  
 $B_2$  - Escolas Estaduais (periferia)

Escolheu-se esses colégios particulares, em virtude de neles estar reunido o maior número de alunos do grupo  $A_1$  e os colégios estaduais reunirem alunos dos grupos  $A_2$ ,  $B_1$  e  $B_2$ , permitindo maior abrangência de estudo.

Quanto às turmas, iniciou-se a pesquisa na 2ª série do primeiro grau, porque na 1ª série as habilidades de leitura e de escrita são muito restritas e a criança não teria condições de responder às questões propostas no teste de lacunas com as regras de concordância verbal.

Faz-se então, a escolha das 2ª, 4ª, 6ª e 8ª séries do primeiro grau, alternadamente, para que se pudesse detectar a ocorrência da concordância verbal de uma série para a outra.

No segundo grau, a série escolhida foi a 3ª, para serem detectados, de modo longitudinal, os resultados do primeiro em relação ao segundo grau.

Feito isso, foi iniciada a aplicação de um questionário com 24 questões que serviu de base para separar os alunos em grupos e fazer o controle das variáveis escolhidas. Estas questões foram comuns a todas as outras turmas, apresentando 11 questões de dados pessoais do aluno, 06 referentes aos pais, constando de dados sobre o nível de instrução, situação econômica e hábitos de leitura; mais 07 questões sobre hábitos de leitura e de escrita do aluno, sendo a maioria delas de múltipla-escolha.

Nas mesmas escolas e nas mesmas turmas, todas heterogêneas, aplicou-se um teste de lacunas, com 52 regras de concordância verbal.

No Colégio "I" a pesquisa foi realizada no turno matutino, nas turmas 6ª e 8ª séries; no vespertino 3ª série. Todas com 47 alunos.

No Colégio "II", turmas 2ª série, com 40 alunos e 4ª série com 42 alunos, turno vespertino.

Na Escola "III" 6ª série; com 45 alunos; 8ª série, com 47 alunos e 3ª série, com 28 alunos, e do turno vespertino.

No Colégio "IV" a 3ª série, com 23 alunos, do turno vespertino.

Escola "V" 2ª, 4ª, 6ª e 8ª séries, respectivamente 41, 41, 45 e 38 alunos, turno vespertino.



Escola "VI", 2ª série, com 46 alunos, 4ª série, com 36 alunos; turno vespertino.

Nesses estabelecimentos de ensino não há seleção para a formação das turmas, elas seguem ano após ano com os mesmos alunos, ocorrendo alguma mudança somente por motivo de transferência de turno, a pedido do aluno, ou por transferência de colégio.

Essa então, foi a população-alvo que deu condições de se realizar esta pesquisa. A tabela nº 1 permite visualizar a amostragem testada em número de sujeitos distribuídos em série e grupo.

TABELA Nº 1

Amostragem em número de sujeitos testados distribuídos em série e grupo.

Série \ Grupo	2ª	4ª	6ª	8ª	3ª	Totais
A <sub>1</sub>	10	10	10	10	10	50
A <sub>2</sub>	10	10	10	10	10	50
B <sub>1</sub>	10	10	10	10	10	50
B <sub>2</sub>	10	10	10	10	10	50
Totais	40	40	40	40	40	200

Em todos os grupos e séries houve uma distribuição igual com cinco meninos e cinco meninas.

### 3.2. Critérios de Escolha da População

De posse do questionário e do teste de lacunas, o primeiro passo foi o de separar alunos dos grupos  $A_1$ ,  $A_2$ ,  $B_1$  e  $B_2$ . O que determinou essa classificação foi o item nº 12 do questionário - nível de instrução do pai - que tendo ele nível de instrução superior, o filho passaria a pertencer aos grupos  $A_1$  e  $A_2$ ; não superior, pertenceria aos grupos  $B_1$  e  $B_2$ .

Depois da seleção dos grupos em  $A_1$ ,  $A_2$ ,  $B_1$  e  $B_2$ , fez-se aleatoriamente, dentro de cada grupo em estudo, uma seleção de cinco alunos masculinos e cinco do sexo feminino. Teve-se início a organização do "corpus", com dez alunos por turma, totalizando duzentos informantes, de ambos os sexos e numa faixa etária de 7 a 18 anos.

### 3.3. Descrição do Instrumento

Serviu de instrumento básico um teste de lacunas com 52 regras de concordância verbal. A pesquisadora teve a preocupação de usar uma linguagem acessível para melhor desempenho dos alunos testados.

Apresentou-se um exemplo de cada regra, sendo esta, uma das limitações do teste. Seria impossível aplicar mais exemplos de cada regra por não haver disponibilidade de tempo. Para isso precisar-se-ia de duas horas-aula, o que implicaria alterações no horário normal da escola.

O teste de lacunas, já mencionado no capítulo da Revisão de Literatura, foi elaborado com frases em nível de compreensão que abrangesse desde os alunos da 2ª série do 1º grau, até os alunos da 3ª série do 2º grau.

### 3.4. Aplicação do Instrumento

Uma vez que o questionário aplicado à 2ª série do primeiro grau foi o mesmo aplicado a todas as outras turmas, quer nas escolas particulares, quer nas públicas, as questões foram elaboradas de maneira a não causar dificuldade ao aluno. Mesmo assim, a pergunta referente ao nível de instrução dos pais, suscitou dúvidas em algumas crianças. Na falta da resposta, recorreu-se ao arquivo da escola, para a complementação desses dados.

A aplicação foi feita pela pesquisadora que, nas 2ªs e 4ªs séries, lia cada pergunta, em voz alta e esperava que todos a respondessem.

Nas 6ªs, 8ªs (primeiro grau) e 3ªs séries (segundo grau) distribuiu-se o questionário e todos responderam sem nenhuma dúvida.

Posteriormente, foi aplicado o teste de lacunas, com 52 regras de concordância verbal. Também este foi aplicado pela pesquisadora e foi o mesmo para todas as turmas de primeiro e segundo graus.

Nas 2ªs e 4ªs séries, os alunos, tanto das escolas par

ticulares como das escolas públicas, levaram 60 minutos para o preenchimento das respostas; nas demais séries teve duração de 50 minutos.

O processo de aplicação foi o mesmo, distribuiu-se a folha para todos os alunos, explicou-se que o teste era individual e que cada aluno respondesse como achasse que fosse, procurando não deixar respostas em branco.

O tempo dispendido na aplicação do teste foi de 60 minutos para as 2<sup>as</sup> e 4<sup>as</sup> séries e de 45 a 50 minutos para as demais séries, tanto nos grupos  $A_1$  e  $A_2$  como nos grupos  $B_1$  e  $B_2$ .

A aplicação desses trabalhos não foi feita no mesmo dia, houve espaços de semanas e até meses, por motivo das atividades propostas no planejamento anual de cada escola (provas, festas, visitas, reuniões e outras).

### 3.5. Coleta e Análise dos Dados

Já com os questionários e testes de lacuna separados em grupos  $A_1$ ,  $A_2$ ,  $B_1$  e  $B_2$ , elaborou-se um quadro com todas as informações coletadas, partindo-se para a tabulação dos dados.

Todos os dados foram codificados e enviados à computação para que através de uma análise comparativa de desempenho lingüístico entre os diferentes níveis de escolaridade, fosse verificado o uso das regras de concordância verbal, em estudo.

O critério adotado foi o de tabelas descritivas, tornando mais claros os resultados obtidos e que pode ser comprovado posteriormente, no capítulo dos resultados.

## CAPÍTULO IV

### 4.0. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados serão apresentados na ordem dos objetivos propostos no primeiro capítulo.

4.1. O primeiro objetivo vai identificar, através da análise de dados, os acertos das regras de Concordância Verbal mais frequentes em alunos de 2ª, 4ª, 6ª e 8ª séries do 1º grau e de alunos da 3ª série do 2º grau.

A tabela nº 2 apresenta os resultados gerais do desempenho dos alunos, nas diferentes regras de concordância verbal, por série.

TABELA Nº 2

	Séries				
	2ª	4ª	6ª	8ª	3ª
Nº de acertos	840	992	1096	1192	1285
%	40,4	47,7	52,7	57,3	61,8

Os totais e as percentagens da tabela deixam perceber que o número de acertos cresce verticalmente com a escolarização.

Existe uma diferença constante, para maior, entre o número ou a percentagem dos acertos nas diferentes séries, sendo esta diferença de 7,3% entre a 2ª e 4ª séries e de 4,5% entre a 8ª série do 1º grau e a 3ª série do 2º grau.

Outra informação expressa na tabela se refere ao baixo número de acertos nas primeiras séries, menos de 50% e, mesmo o baixo desempenho das séries mais adiantadas, giram em torno dos 50%, chegando o grupo terminal do 2º grau a uma média de acertos de 61,8%.

Ainda dentro deste mesmo objetivo de número de acertos, nas diferentes séries, é feita uma análise do desempenho das diversas séries, nas regras de concordância verbal a elas apresentadas.

Para se observar este desempenho dividiram-se as regras de concordância verbal em dois grupos: o 1º grupo lista por série as 10 regras de maior número de acertos e o 2º grupo lista as 10 regras com o menor número de acertos.

TABELA Nº 3

Séries Nº de Ordem	2ª		4ª		6ª		8ª		3ª	
	Regras C.V.	Nº de acer- tos	Regras C.V.	Nº de acer- tos	Regras C.V.	Nº de acer- tos	Regras C.V.	Nº de acer- tos	Regras C.V.	Nº de acer- tos
1	03	35	21	37	20	40	03	40	07	40
2	22	32	22	36	21	40	07	40	20	40
3	05	31	20	36	22	40	20	40	35	40
4	11	31	07	35	03	39	21	39	45	40
5	20	31	01	34	13	37	22	39	02	39
6	21	31	03	34	19	37	01	38	03	39
7	30	31	05	34	11	36	02	37	18	39
8	13	28	19	32	45	35	13	37	01	38
9	45	27	28	32	26	34	24	37	15	38
10	07*	26	11	31	05**	33	45	37	24	38

\* As regras de nºs 19, 31 e 35 tiveram resultado idêntico à regra de nº 7, na 2ª série.

\*\*As regras de nºs 07, 18 e 24 tiveram resultado idêntico à nº 5, na 6ª série.

O número superior de acertos foi de 35 na 2ª série, isto é, uma percentagem de 67,3% de acertos; observando-se o grupo superior da 3ª série do 2º grupo, existe uma diferença muito pequena que, nesta, foi de 40 acertos, numa percentagem de 76,9%.

Contraste maior existe entre o número de acertos inferior das dez regras entre os diversos grupos, constatando-se um resultado crescente de acertos dentro da escolarização, sendo a diferença entre a 2ª série do 1º grau e a 3ª série do 2º grau, de 12 acertos, num percentual diferenciado de 23,8% entre os dois grupos.

As regras de maior número de acertos foram as de nºs 03,



07 e 20, sendo que as duas primeiras compõem o grupo 02 e a de nº 20, o grupo 03.

Em seguida, serão apresentadas as regras que tiveram o menor número de acertos na população-alvo, isto é, aquelas que mostram o maior índice de dificuldade.

TABELA Nº 4

Séries Nº de Ordem	2ª		4ª		6ª		8ª		3ª	
	Regras C.V.	Nº de acer- tos	Regras C.V.	Nº de acer- tos	Regras C.V.	Nº de acer- tos	Regras C.V.	Nº de acer- tos	Regras C.V.	Nº de acer- tos
1	43	0	04	0	49	0	52	0	52	0
2	49	0	52	0	50	0	04	1	49	0
3	50	0	10	2	52	0	43	2	04	0
4	51	0	43	2	43	1	23	2	51	1
5	52	0	49	2	04	1	49	2	10	4
6	04	1	50	2	10	2	50	3	31	4
7	37	2	51	2	51	2	10	3	43	4
8	10	5	44	4	38	4	08	4	09	5
9	27	5	08	5	37	7	38	5	23	6
10	47	6	38	5	08*	8	51	5	38	7

\* A regra de nº 23 apresentou resultado idêntico ao da de nº 8, na 6ª série.

O menor número de acertos coube às regras de nºs 04, 10, 43, 49, 50, 51 e 52.

O número inferior de acerto foi o da regra nº 52, com nenhuma resposta certa.

Há constância no resultado de erros dessas regras, indicando o desconhecimento dos alunos, principalmente, na concordância do verbo haver, como é o caso das regras 43, 49, 50,

51 e 52 que compõem o grupo 10, das regras em estudo.

A regra 10 apresenta os núcleos do sujeito, unidos por com, dando relevância ao primeiro sujeito, vindo, este, ante posto ao verbo. Este aspecto não foi observado, daí o grande número de erros.

A regra 04 tem o sujeito composto por pessoas gramaticais diferentes (2ª e 3ª pessoas do singular) exigindo o verbo na 2ª pessoa plural, conforme determinação da gramática. Observa-se que o número de acertos foi mínimo, apenas 03 alunos preencheram a lacuna acertadamente. Isto significa que esta regra não é considerada por esses alunos, pois a estratégia usada por eles, foi a de usar a 3ª pessoa plural (=eles, vocês), esquecendo-se da prevalência da 2ª pessoa singular sobre a 3ª pessoa singular (=vós).

Junto com a análise de maior e menor número de acertos nas diversas regras, observa-se que o instrumento aplicado contém certa confiabilidade, isto é, regras difíceis ou fáceis assim o foram através de todos os sujeitos e séries testados. As tabelas 5 e 6 dão informação sobre esta questão.

TABELA Nº 5

Regras de concordância verbal com maior número de acertos.

Série e Ordem  Regras com maior nº de acertos	2ª	Ordem	4ª	Ordem	6ª	Ordem	8ª	Ordem	3ª	Ordem
	01	-	-	x	5ª	-	-	x	4ª	x
02	-	-	-	-	-	-	x	7ª	x	5ª
03	x	1ª	x	5ª	x	4ª	x	1ª	x	5ª
05	x	3ª	x	5ª	x	10ª	-	-	-	-
07	x	10ª	x	4ª	x	10ª	x	1ª	x	1ª
11	x	3ª	x	10ª	x	7ª	-	-	-	-
13	x	8ª	-	-	x	5ª	x	7ª	-	-
15	-	-	-	-	-	-	-	-	x	8ª
18	-	-	-	-	x	10ª	-	-	x	5ª
19	-	-	x	8ª	x	5ª	-	-	-	-
20	x	3ª	x	3ª	x	1ª	x	1ª	x	1ª
21	x	3ª	x	1ª	x	1ª	x	4ª	-	-
22	x	2ª	x	2ª	x	1ª	x	4ª	-	-
24	-	-	-	-	x	10ª	x	7ª	x	8ª
26	-	-	-	-	x	9ª	-	-	-	-
28	-	-	x	8ª	-	-	-	-	x	8ª
30	x	3ª	-	-	-	-	-	-	-	-
35	-	-	-	-	-	-	-	-	x	1ª
45	x	9ª	-	-	x	8ª	x	7ª	x	1ª

As regras mais acertadas e portanto as consideradas mais fáceis pelos alunos, são as que fazem parte do grupo 02, caracterizadas pelo sujeito composto, essas regras são as de número 03, 05 e 07.

As demais regras que se destacam pela constância do número de acertos, nas diferentes séries são as regras do grupo 06, abordando casos especiais de concordância verbal. Neste grupo se destacam as regras de números 20 e 21, que permitem o uso do singular e do plural. Cabe ressaltar que a Gramática dá preferência à forma plural e o aluno, por sua vez, demonstrou essa preferência, usando mais o plural.

Existem alguns casos peculiares e curiosos, a 2ª série do 1º grau parece ter tido melhor desempenho que a 3ª série do 2º grau, como podem ser observadas as regras de números 11, 13, 19 e 22, também do grupo 06.

As regras do grupo 09 são caracterizadas pela concordância do verbo parecer, sendo que a de nº 45 foi bastante acertada, o que não aconteceu com a de nº 38 como constatar-se-á na tabela a seguir.

TABELA Nº 6

Regras de concordância verbal com menor número de acertos.

Séries e Ordem	2ª		4ª		6ª		8ª		3ª	
		Ordem		Ordem		Ordem		Ordem		Ordem
Regras com menos nº de acertos										
04	x	6ª	x	1ª	x	1ª	x	2ª	x	1ª
08	-	-	x	9ª	x	-	-	7ª	-	-
10	x	8ª	x	3ª	x	7ª	x	6ª	x	5ª
23	-	-	-	-	x	10ª	x	3ª	x	8ª
27	x	8ª	-	-	-	-	-	-	-	-
31	-	-	-	-	-	-	-	-	x	5ª
37	x	7ª	-	-	x	9ª	-	-	-	-
38	-	-	x	9ª	x	8ª	x	9ª	x	9ª
43	x	1ª	x	3ª	x	5ª	x	3ª	x	5ª
44	-	-	x	8ª	-	-	-	-	-	-
47	x	10ª	-	-	-	-	-	-	-	-
49	x	1ª	x	3ª	x	1ª	x	3ª	x	1ª
50	x	1ª	x	3ª	x	1ª	x	6ª	x	8ª
51	x	1ª	x	3ª	x	6ª	x	9ª	x	4ª
52	x	1ª	x	1ª	x	1ª	x	1ª	x	1ª

A regra de número 04, do grupo 02, a de número 10, do grupo 06 e as regras 43, 49, 50, 51 e 52 do grupo 10 são constantes nas diferentes séries.

A regra de nº 04, formada por sujeito composto de pessoas gramaticais diferentes, apresentou grande dificuldade aos alunos. A prevalência da 2ª pessoa singular sobre a 3ª pessoa (tu/ele), que exige o verbo na 2ª pessoa plural (vós) não foi considerada. Na apresentação das estratégias usadas

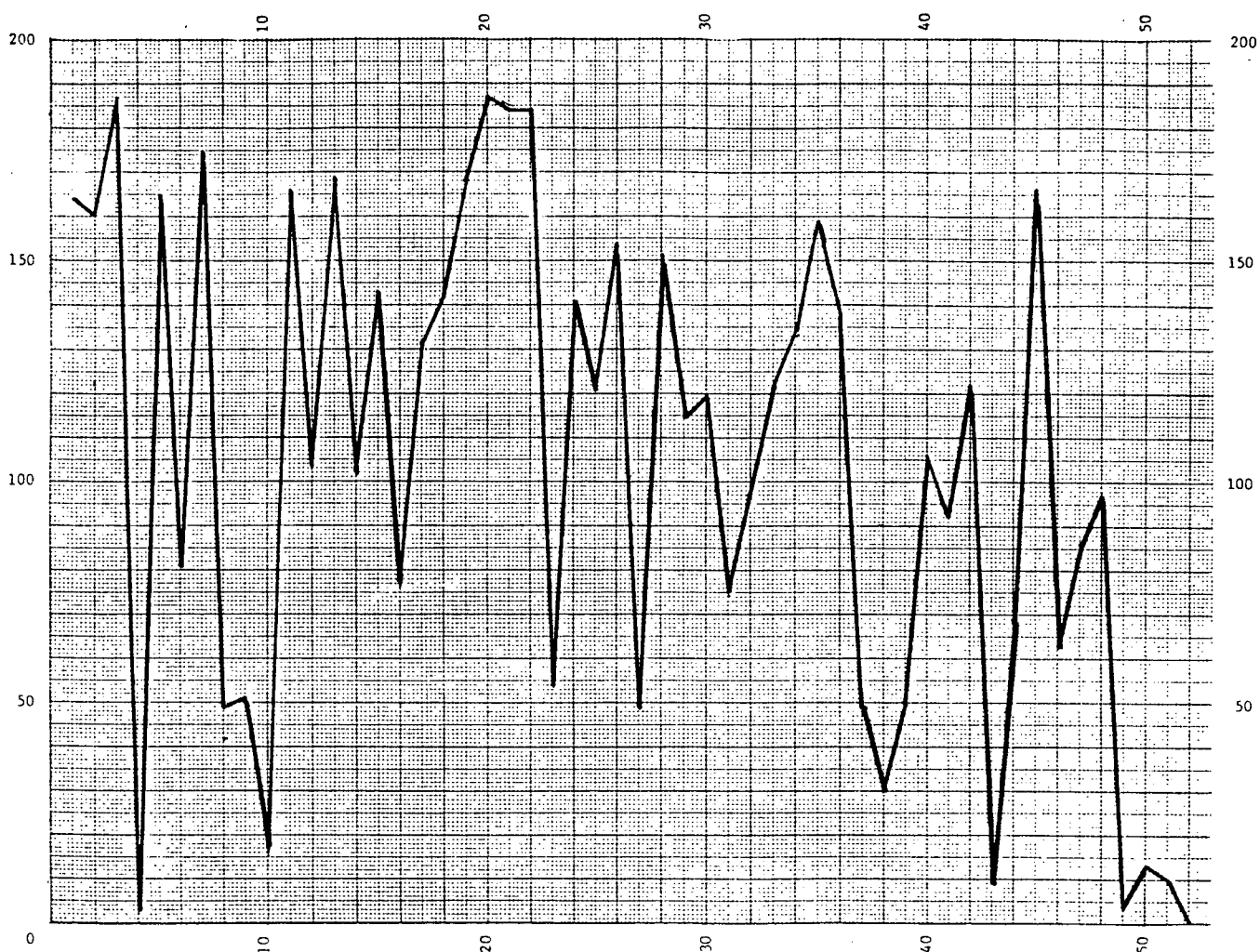
pelos alunos esse caso será reapresentado.

A regra nº 10, também em proporções de erro bem elevadas, foi constante nas diferentes séries. Nota-se que o número de erros da 2ª série do 1º grau é bem aproximado ao da 3ª série do 2º grau.

Quanto ao grupo 10, pode-se considerar o mais difícil e dizer do desconhecimento, quase total, dessas regras, pelos alunos. No momento em que forem discutidas as estratégias serão comprovadas essas dificuldades.

Para se dar ao leitor uma informação adicional e bem geral que permite visualizar comparativamente todas as regras testadas, apresenta-se o gráfico 1.

GRÁFICO 1



Algumas regras estão muito bem internalizadas pelos alunos e algumas não internalizadas.

Quais as causas do não conhecimento dessas regras? É certamente algo que se pode investigar. Talvez algumas dessas regras não façam mais parte do uso da linguagem.

Quem sabe, um estudo por parte dos Gramáticos ou dos Professores de Português poderia tirar a obrigatoriedade dessas regras e deixá-las como meras alternativas dentro do sistema. Por outro lado, fica muito claro que os Professores de Português têm um campo de pesquisa e de ensino bastante grande nessa área.

4.2. O objetivo nº 2 vai detectar se a incidência de erros de concordância verbal, expressa no desempenho dos alunos. Repetir-se-á longitudinalmente desde as primeiras séries do primeiro grau à 3ª série do segundo grau.

A tabela nº 7 demonstra de maneira muito geral estes resultados.

TABELA Nº 7

Número de erros das regras de concordância verbal, por série, expressa por números absolutos e por percentagem.

Série	2ª	4ª	6ª	8ª	3ª
Nº de erros	1240	1088	984	888	795
%	59,6	52,3	47,3	42,7	38,2

Pelo resultado apresentado, percebe-se que o número de erros diminui longitudinalmente, à medida que se aproxima das séries mais avançadas do primeiro e do segundo graus.

Dá-se uma diferença, para menor, de 7,3% da 2ª para a 4ª série; de 5% da 4ª para a 6ª; de 4,6% da 6ª para a 8ª série e de 4,5% da 8ª série do primeiro grau para a 3ª série do segundo grau.

As turmas iniciais do primeiro grau apresentam menor número de acertos que as demais séries de primeiro e de segundo graus.

Ainda, respondendo ao objetivo nº 2, apresenta-se estatisticamente o nível de significância entre as séries, com base nas 52 regras de concordância verbal (Tabela nº 8).

Para testar as hipóteses de que existe uma diferença significativa entre as séries e, posteriormente, entre as classes, realizou-se o teste de duas proporções. Para tal, considerou-se que as proporções têm distribuição aproximadamente normal.



TABELA Nº 8

Relação entre as séries - acerto das 52 regras de concordância verbal.

série	% acertos	série	% acertos	estatístico	nível de significância	valor crítico	
2ª	40,72	4ª	48,73	0,82	0,10	1.64	não significativo
		6ª	52,98	1,25	0,10	1.64	não significativo
		8ª	57,08	1,67	0,10	1.64	significativo
		3ª	61,65	2,14	0,10	1.64	significativo
4ª	48,72	6ª	52,98	0,43	0,10	1.64	não significativo
		8ª	57,08	0,85	0,10	1.64	não significativo
		3ª	61,65	1,32	0,10	1.64	não significativo
6ª	52,98	8ª	57,08	0,42	0,10	1.64	não significativo
		3ª	61,65	0,89	0,10	1.64	não significativo
8ª	57,08	3ª	61,65	0,47	0,10	1.64	não significativo

Como se pode depreender da tabela acima existe uma diferença significativa no desempenho entre os alunos de 2ª série e 8ª série do primeiro grau e entre 2ª série do primeiro grau e 3ª série do segundo grau.

Apesar de não ser considerado significativo o resultado da 2ª para a 6ª série, há aproximação do nível de significância entre as mesmas.

Também da 4ª série do primeiro grau para a 3ª série do segundo grau há grande aproximação.

Importante observar que a diferença entre a 2ª e 6ª série é bastante significativa porque o estatístico 1,25 chega perto do valor crítico 1,64, o mesmo é verdade para a comparação entre a 4ª série de 1º grau e a 3ª série do 2º grau e que o estatístico é 1,32 chegando perto do valor crítico 1,64 para a significância estatística.

Com isso, pode-se concluir que a aprendizagem das regras de concordância verbal realmente aconteceu nos primeiros anos de escolarização. Constata-se como se verá mais adiante, que os livros-texto são carentes em exercícios sobre a concordância verbal.

Para tornar esse fato mais patente pode-se comparar na tabela, o progresso feito entre a 6ª série e a 8ª série e entre esta e a 3ª série do 2º grau, cujos dados estatísticos são extremamente baixos, indicando que a quantidade de aprendizagem durante esses anos é pouco significativa.

Interessaria verificar se o tipo de erro cometido pelas 2ªs séries é similar aos erros cometidos nas séries mais adiantadas. Infelizmente, por falta de assistência na análise de dados do computador, essa pergunta não pôde ser respondida, portanto, a pesquisadora restringiu-se a trabalhar com médias e percentagens sobre os totais das regras testadas.

No objetivo anterior teve-se algumas indicações de que houve essa semelhança de desempenho.

4.3. O terceiro objetivo vem demonstrar, através da comparação entre os diversos grupos sócio-culturais em estudo, o número de acertos das regras de concordância verbal entre eles.

TABELA Nº 9

Número de acerto das regras de concordância verbal, por grupo.

	N = 50	N = 50	N = 50	N = 50
Grupos	A <sub>1</sub>	A <sub>2</sub>	B <sub>1</sub>	B <sub>2</sub>
Nº de acertos	1532	1434	1331	1108
%	58,9	55,1	51,1	42,6

Ao se cotejar os diferentes grupos A<sub>1</sub>, A<sub>2</sub>, B<sub>1</sub> e B<sub>2</sub> entre si, verificou-se uma diferença acentuada entre eles, ou seja, 3,8% do grupo A<sub>1</sub> para o grupo A<sub>2</sub>; do grupo A<sub>2</sub> para o grupo B<sub>1</sub> a diferença é de 4,0%; do grupo B<sub>1</sub> para o grupo B<sub>2</sub> é de 8,5% e ainda, do grupo A<sub>1</sub> para o grupo B<sub>2</sub> ela é de 16,3%.

Estes resultados evidenciam o bom desempenho dos alunos do grupo A<sub>1</sub>.

O número de acertos das regras de concordância entre os grupos mostra que o grupo A<sub>1</sub> foi o que teve melhor desempenho.

TABELA Nº 10

Grupo	% de acertos	Grupo	% de acertos	estatís tico	
A <sub>1</sub>	59,57	A <sub>2</sub>	55,15	0,46	não significati <u>v</u> o
B <sub>1</sub>	51,38	B <sub>2</sub>	42,81	0,88	não significati <u>v</u> o
A <sub>1</sub>	59,57	B <sub>1</sub>	51,38	0,84	não significati <u>v</u> o
A <sub>2</sub>	55,15	B <sub>2</sub>	42,81	1,26	não significati <u>v</u> o
A <sub>1</sub>	59,57	B <sub>2</sub>	42,81	1,71	significativo
A <sub>2</sub>	55,15	B <sub>1</sub>	51,38	0,39	não significati <u>v</u> o

Nível de significância 0,10

Valor crítico 1,64

A tabela nº 10 permite visualizar o desempenho dos diversos grupos.

O que chama inicialmente atenção é o desempenho relativamente bom do grupo A<sub>1</sub> em comparação ao grupo B<sub>2</sub>.

As médias de acerto mostram uma diferença estatística significativa entre os dois grupos. Também chega perto dessa diferença significativa a comparação entre os grupos A<sub>2</sub> e B<sub>2</sub>.

Todos os outros grupos não mostram grandes diferenças do desempenho. Pode-se concluir que a diferença dentro dos grupos A<sub>1</sub> (colégios particulares) e A<sub>2</sub> (colégios públicos), apresenta apenas tendências para o colégio particular ter um desempenho melhor. O mesmo é verdade para os grupos B<sub>1</sub> e B<sub>2</sub>. Apesar dessas diferenças não serem significativas, observa-se uma tendência nítida dos Colégios Públicos urbanos em

comparação com os da periferia, que tiveram melhor desempenho, sendo no entanto, a variável sócio-cultural a que realmente diferencia o desempenho dos grupos.

Certamente, nesta área de classe social os educadores têm um grande trabalho de pesquisa, de metodologia e materiais a serem testados para que essas crianças possam chegar ao mesmo desempenho intelectual das de classe sócio-cultural privilegiada.

4.4. O 4º objetivo vai verificar até que ponto o hábito da leitura dos pais influenciará no desempenho dos alunos.

TABELA Nº 11

Pais que lêem e pais que não lêem nos diferentes níveis sócio-culturais.

Grupos	Pais lêem e Pais não lêem	Alunos	nº de acertos	Porcentagem (%)
A <sub>1</sub>	+	35	1086	59,6
	-	15	446	57,1
A <sub>2</sub>	+	14	412	56,5
	-	36	1022	54,5
B <sub>1</sub>	+	11	329	57,5
	-	39	1002	49,4
B <sub>2</sub>	+	05	147	56,5
	-	45	961	41,0
Total	+	65	1974	58,4
	-	135	3431	48,8
		200	5405	51,9

Nos diferentes grupos sócio-culturais verifica-se que os pais que mais lêem são os do grupo A<sub>1</sub>, 70% das crianças/

adolescentes acham que os pais lêem. Por outro lado, em to dos os outros grupos este percentual se inverte para os não leitores, mais de 70% das crianças classificam os pais como não leitores, chegando esta percentagem a 90% no grupo  $B_2$ .

Agora, como é que as crianças de pais leitores ou não leitores tiveram seu desempenho no teste?

Nos grupos sócio-culturais  $A_1$  e  $A_2$  o número de acertos entre crianças de pais leitores e não leitores é muito similar, havendo pequenas oscilações, estatisticamente desprezíveis. O que não acontece com os grupos  $B_1$  e  $B_2$  cujas crianças de pais não leitores têm um desempenho percentual relativamente diferenciado, devendo-se chamar atenção para o grupo  $B_2$ , onde esta diferença chega a 15,5%. Infelizmente, não foi possível fazer um teste estatístico para estabelecer o nível de significância.

Outra diferença a salientar refere-se ao percentual de acertos do grupo não leitor de  $A_1$ , 57,1% em comparação ao grupo não leitor  $B_2$ , 41,0% o que leva a uma diferença de 16,1%, de acertos. Diferença que parece ser estatisticamente pertinente, já que é muito similar à apresentada na tabela nº 10.

A tabela mostra que numa análise geral o número de pais que não lêem é superior ao número de pais que lêem.

Estes dados parecem permitir concluir que existem indicações de que o aspecto sócio-cultural pode ser uma variável a ser considerada no desempenho do teste de concordância verbal e neste sentido, talvez no desempenho lingüístico em geral.

TABELA Nº 12

## Pais leitores e pais não leitores

Pais Leito- res	2ª		4ª		6ª		8ª		3ª		Total	
	nº de pais	%	nº de pais	%	nº de pais	%	nº de pais	%	nº de pais	%	nº de pais	%
+	04	43,7	11	52,6	17	58,0	15	61,1	18	63,2	65	58,4
-	36	40,0	29	45,8	23	48,7	25	55,0	22	60,5	135	48,8

O número de pais que lêem na 2ª e 4ª séries é relativamente inferior às demais séries do 1º e do 2º graus.

Nas 6ª e 8ª séries do 1º grau e na 3ª série do 2º grau há um equilíbrio no número de pais classificados pelas crianças, como leitores. E o número de pais que não lêem é sempre superior aos que lêem.

Este resultado mostra que os alunos, em geral, não vêem seus pais como leitores. Similarmente como na tabela anterior, também aqui, observou-se que os filhos de pais leitores tiveram, sistematicamente, melhor desempenho que os filhos de pais não leitores, como demonstram os percentuais, apesar destas diferenças serem pequenas e não conclusivas.

TABELA Nº 13

Detalhamento do número de alunos por grupo e por série.

Séries Grupos	Pais leitores	2ª Alunos	4ª Alunos	6ª Alunos	8ª Alunos	3ª Alunos	Total
A <sub>1</sub>	+	1	8	10	8	8	35
	-	9	2	-	2	2	15
A <sub>2</sub>	+	2	2	4	2	4	14
	-	8	8	6	8	6	36
B <sub>1</sub>	+	1	1	3	3	3	11
	-	9	9	7	7	7	39
B <sub>2</sub>	+	-	-	-	2	3	05
	-	10	10	10	8	7	45
Total	+	4	11	17	15	18	65
	-	36	29	23	25	22	135

Constata-se, nesta tabela, que a maioria dos pais dos alunos não lê, havendo uma diferença bastante constante, por série, a partir da 6ª série do 1º grau até a 3ª série do 2º grau.

Por grupo, observa-se que o grupo A<sub>1</sub>, a partir da 4ª série, apresenta o maior número de pais leitores em relação aos outros grupos.

O grupo B<sub>2</sub> apresenta o menor número de pais que lêem.

O resultado decresce consideravelmente do grupo A<sub>1</sub> para o A<sub>2</sub>, B<sub>1</sub> e B<sub>2</sub>. Nos 200 alunos, somente 65 pais têm o hábito da leitura, o que vem a ser 35%.

Pode-se dizer que as crianças das primeiras séries de



claram ver, com menor freqüência, seus pais como leitores, em relação aos alunos das séries mais avançadas que dizem ver seus pais como leitores, com maior freqüência.

Parece que o ambiente sócio-cultural da família exerce papel importante no desempenho escolar da criança.

4.5. No objetivo nº 5 vai se verificar se os alunos que têm o hábito da leitura apresentam número de acertos de concordância verbal diferentes das dos alunos que têm este hábito.

TABELA Nº 14

Alunos que têm o hábito da leitura e alunos que não o têm.

Grupos	Alunos leitores	nº de alunos	nº de acertos	Porcentagem (%)
A <sub>1</sub>	+	21	646	59,1
	-	29	886	58,7
A <sub>2</sub>	+	18	527	56,3
	-	32	907	54,5
B <sub>1</sub>	+	22	536	46,8
	-	28	795	54,6
B <sub>2</sub>	+	21	489	44,7
	-	29	619	41,0
Total	+	82	2198	51,0
	-	118	3207	52,2
		200	5405	51,9

Respondendo ao objetivo nº 05, constata-se que o número de alunos leitores é menor que o número dos não leitores.

Nos grupos  $A_1$ ,  $A_2$ , e  $B_2$  a percentagem do número de acertos das regras de concordância verbal dos alunos leitores é superior ao número de acertos dos não leitores o que não ocorre com o grupo  $B_1$ , cuja percentagem do número de acertos dos leitores é inferior ao dos não leitores.

A diferença percentual dos alunos do grupo  $A_1$  para os alunos leitores do grupo  $B_2$  é de 14,4%, do grupo  $A_2$  para o grupo  $B_1$  essa diferença é de 9,5%, entre os grupos  $A_1$  e  $A_2$  a diferença percentual entre os leitores é mínima 2,8%. Com os grupos  $B_1$  e  $B_2$ , também essa diferença é irrisória 2,1%.

Observa-se que o hábito da leitura tende a levar o aluno a um melhor desempenho no teste de concordância verbal, mas as diferenças observadas parecem ser mais fruto dos desempenhos diferenciados dos vários grupos do que do hábito de leitura.

O número de crianças que lêem nos diversos grupos apresenta um resultado muito semelhante tanto nos leitores como nos não leitores. Isso demonstra que mesmo a criança de periferia possui um conceito ou uma atitude bastante positiva sobre a sua condição de aluno. Talvez se essas crianças tivessem condições de possuir livros ou recursos idênticos às crianças do grupo  $A_1$ , pudessem ser tão assíduas leitoras ou frequentadoras de biblioteca quanto as crianças privilegia-  
das.

TABELA Nº 15

Qual o desempenho dos alunos leitores em relação aos não leitores.

Séries Alunos leitores	2ª		4ª		6ª		8ª		3ª		Total	
	nº alu- nos	%	nº alu- nos	%	nº alu- nos	%	nº alu- nos	%	nº alu- nos	%	nº alunos	%
+	20	41,5	21	48,0	13	52,3	15	60,0	13	61,9	82	51,5
-	20	39,2	19	47,2	27	52,8	25	55,6	27	61,9	118	52,5

Nesta tabela as maiores diferenças verificadas entre alunos leitores e os não leitores foram de 4,4% na 8ª série e 2,3% na 2ª série. Portanto, as variações demonstradas foram mínimas, insuficientes para se fazer qualquer afirmação de que a variável hábito ou gosto pela leitura seja responsável pela variação no desempenho.

TABELA Nº 16

Alunos que lêem e alunos que não lêem, por série e por grupo.

Séries Grupos	Alunos leitores	2ª Alunos	4ª Alunos	6ª Alunos	8ª Alunos	3ª Alunos	Total
A <sub>1</sub>	+	5	5	2	5	4	21
	-	5	5	8	5	6	29
A <sub>2</sub>	+	5	6	3	2	2	18
	-	5	4	7	8	8	32
B <sub>1</sub>	+	8	4	4	3	3	22
	-	2	6	6	7	7	28
B <sub>2</sub>	+	2	6	4	5	4	21
	-	8	4	6	5	6	29
Total	+	20	21	13	15	13	82
	-	20	19	27	25	27	118

Examinando a tabela anterior, observa-se que o número de alunos que não lêem é bem superior, ocorrendo o inverso apenas na 4ª série dos grupos  $A_2$  e  $B_2$ , na 2ª série do grupo  $B_1$ .

O objetivo 6 verifica se os alunos que gostam de escrever apresentam maior número de acertos que os alunos que não gostam de escrever.

TABELA Nº 17

Alunos que gostam de escrever e alunos que não gostam de escrever, nº de acertos e percentagem.

Grupos	Alunos escrevem e não escrevem	Alunos	nº de acertos	Percentagem (%)
$A_1$	+	39	1181	58,2
	-	11	0351	61,3
$A_2$	+	47	1343	54,9
	-	03	0091	58,3
$B_1$	+	46	1213	50,7
	-	04	0118	56,7
$B_2$	+	45	0975	41,6
	-	05	0133	51,1
Total	+	177	4712	51,1
	-	023	0693	57,9
		200	5405	51,9

Pode-se observar que o maior número de acertos é dos alunos que escrevem, porém atentando-se para os percentuais, será observado que os resultados favorecem aos alunos que não

têm o gosto pela escrita, contrariando todas as frequências observadas anteriormente, como no caso, alunos que têm pais leitores têm melhor desempenho. Embora estas diferenças sejam pequenas, estes dados acusam que os alunos que não têm o gosto pela escrita, têm melhor desempenho que aqueles que afirmam possuir o gosto pela escrita.

TABELA Nº 18

Número de alunos que escrevem e não escrevem e percentagem de acerto.

Alunos escrevem e não escrevem	2ª		4ª		6ª		8ª		3ª		Total	
	nº alunos	%	nº alunos	%	nº alunos	%	nº alunos	%	nº alunos	%	nº alunos	%
+	37	38,5	37	48,2	36	52,6	35	56,8	32	61,4	177	51,1
-	03	63,4	03	40,3	04	53,3	05	60,3	08	63,2	023	57,9

Na tabela acima, os resultados vêm confirmar os dados apresentados na tabela anterior, nos quais alunos que gostam de escrever sobrepujaram os que não gostam de escrever, no desempenho do teste das regras de concordância verbal. Exceto na 4ª série, cuja diferença em favor dos alunos que gostam de escrever é maior. No entanto, no total volta a aparecer o resultado em favor dos que não sentem uma inclinação especial pela escrita.

O número de alunos que se auto-avaliam como gostar de escrever é uniformemente superior àqueles que não gostam de escrever.

A percentagem dos alunos que gostam de escrever é de 88,50% enquanto que só 11,50% se auto-avaliam como não gostam de escrever.

Este é um dado surpreendente. Esse tipo de atitude positiva os professores de Português poderiam explorar. Isso se verifica das primeiras séries do 1º grau à 3ª série do 2º grau.

TABELA Nº 19

Estatístico do número de acertos dos alunos que gostam de escrever e dos que não gostam, por série e por grupo.

Séries		2ª	4ª	6ª	8ª	3ª	Total
Grupos	Alunos	Alunos	Alunos	Alunos	Alunos	Alunos	
A <sub>1</sub>	+	7	9	10	6	7	39
	-	3	1	-	4	3	11
A <sub>2</sub>	+	10	10	8	9	10	47
	-	-	-	2	1	-	03
B <sub>1</sub>	+	10	10	8	10	8	46
	-	-	-	2	-	2	04
B <sub>2</sub>	+	10	8	10	10	7	45
	-	-	2	-	-	3	05
Total	+	37	37	36	35	32	177
	-	03	03	04	05	08	023
		40	40	40	40	40	200

Cabe aqui ressaltar, que nas duas tabelas anteriores atenta-se somente para os percentuais os quais espelham um resultado favorável aos alunos que não costumam escrever. Comparando-se os alunos, que cultivam o gosto pela escri-

ta com os que não cultivam, observa-se que em todas as séries e em todos os grupos a quantidade de alunos que escrevem é maior do que os que não escrevem, entretanto isto não invalida as demonstrações anteriores, pois os alunos que não escrevem, têm um número maior de acertos, nas regras de concordância, sobre aqueles que escrevem.

O objetivo nº 7 se preocupa com alunos do sexo masculino e do sexo feminino, ou seja, se os alunos do sexo masculino têm um desempenho diferenciado nas regras de concordância verbal das dos alunos femininos.

TABELA Nº 20

Desempenho entre alunos do sexo masculino e feminino.

Grupos	Sexo	Alunos	nº de acertos	Porcentagem (%)
A <sub>1</sub>	M	25	762	58,6
	F	25	770	59,2
A <sub>2</sub>	M	25	718	55,2
	F	25	716	55,0
B <sub>1</sub>	M	25	650	50,0
	F	25	681	52,3
B <sub>2</sub>	M	25	523	40,2
	F	25	585	45,0
Total	M	100	2643	50,8
	F	100	2762	53,1
		200	5405	51,9

Analisando na tabela acima o comportamento dos alunos do sexo masculino em relação aos do sexo feminino, os resultados indicam que os alunos do sexo feminino superam os do

sexo masculino. No grupo  $A_2$ , cuja percentagem de acertos dos alunos masculinos é superior, estas diferenças são tão pequenas que elas podem ser perfeitamente atribuídas à margem de erro e, portanto, são passíveis de qualquer conclusão.

TABELA Nº 21

Qual o desempenho dos alunos masculinos em relação aos femininos, por série.

Sexo	2ª		4ª		6ª		8ª		3ª		Total	
	nº alu- nos	%	nº alu- nos	%	nº alu- nos	%	nº alu- nos	%	nº alu- nos	%	nº alu- nos	%
M	20	37,0	20	48,0	20	51,0	20	56,5	20	61,4	100	50,8
F	20	43,7	20	47,3	20	54,3	20	58,0	20	62,1	100	53,1

Pela tabela acima constata-se que apenas na 4ª série os alunos do sexo masculino apresentam um percentual de acertos maior do que os alunos do sexo feminino.

Na 2ª, 6ª e 8ª séries do 1º grau e na 3ª série do 2º grau o desempenho dos alunos do sexo feminino foi levemente superior aos do sexo masculino.

O maior percentual diferencial verificado entre os sexos é de 6,7% na 2ª série e o menor é de 0,7% na 3ª série do 2º grau, em favor do sexo feminino.

No total desta tabela se espelha uma diferença de 2,3% de acertos também para os alunos do sexo feminino, no entanto, estes resultados, devido à pequena diferença, não evidenciam que as mulheres estão mais próximas que os homens das regras de concordância verbal.



Apesar de outros estudos, em outras culturas, às vezes apresentarem o sexo feminino como tendo um desempenho significativamente melhor em teste de linguagem, essa hipótese não é confirmada neste estudo, mesmo tendo uma pequena diferença a favor do sexo feminino.

O objetivo 08 vai verificar quais as estratégias usadas pelos alunos na solução dos problemas de concordância verbal.

As hipóteses que vão ser levantadas não podem ser definitivas em virtude de no instrumento ser dado apenas um exemplo de cada regra, não havendo meio de replicar, mesmo se tendo um número significativo de alunos.

Salienta-se que esta análise de estratégias se acha prejudicada porque não foi feita por série.

É muito provável que o número de erros que não aparecem nas primeiras séries, poderão aparecer nas séries do 2º grau.

Talvez, se tivesse sido feita uma análise por série e por grupo, ter-se-ia um resultado mais aprofundado. Neste caso, precisar-se-ia de mais de um exemplo para cada regra a fim de constatar-se a consistência e a confiabilidade da hipótese levantada.

Algumas das estratégias usadas pelos alunos foram:

1. Pluralizar locução nominal longa.

Ex.: regra nº 1

Regra gramatical: Alguém lá embaixo abriu a porta do elevador.

Estratégia do aluno: Alguém lá embaixo abriram a porta do elevador.

2. O aluno se fixa na estrutura superficial (= é a organização sintática da frase tal como ela se apresenta. Dubois et alii, 1978:488). Ex.: regras 5, 6, 14, 23, 41, 42 e 44. Nestas regras o sujeito está deslocado.

Regra gramatical: Ali vivem pais e filhos.

Nesta turma, Jorge é um dos que mais estudam.

Estratégia do aluno: Ali vive pais e filhos.

Nesta turma, Jorge é um dos que mais estuda.

Houve aqui, um apagamento do termo estudantes e a criança não recupera essa informação.

3. A conjunção "e" não soma.

Ex.: regras 3,4, 7, 15 e 16.

Regra gramatical: Júlia e Lúcia estudam juntas todos os dias.

Carlos e eu iremos ao cinema.

Estratégia do aluno: Júlia e Lúcia estuda juntas todos os dias.

Carlos e eu irá ao cinema.

4. A conjunção "ou" ora soma ora exclui, mas em momentos errados.

Ex.: regras 8 e 9.

Regra gramatical: Paulo ou João presidirá a reunião.

"Era tão pequena a cidade, que um grito ou gargalhada forte a atravessavam de ponta a ponta."

Estratégia do aluno: Paulo ou João presidirão a reunião.

"Era tão pequena a cidade, que um grito ou gargalhada forte a atravessava de ponta a ponta."

5. Quando as duas formas singular/plural são corretas, o aluno tem preferência pelo plural.

Ex.: regras 20, 21 e 22.

Regra gramatical: Um e outro viajava nas férias.

Um e outro viajavam nas férias.

Estratégia do aluno: Um e outro viajavam nas férias.

6. Sujeito composto de pessoas gramaticais diferentes (tu e ele) leva o verbo para a 3ª pessoa plural, contrariando a regra gramatical.

Ex.: regra nº 4.

Regra gramatical: Tu e ele fizestes boa prova?

Estratégia do aluno: Tu e ele fizeram boa prova?

7. A criança faz reger o verbo pela seqüência como nos casos das regras 32, 33, 34 e 35, o verbo é regido pelo termo que segue, não havendo locução nominal como antecedente.

Regra gramatical: Cheguei faz seis meses.

Estratégia do aluno: Cheguei fazem seis meses.

8. Fazer uso na linguagem escrita da forma usada na lingua  
gem oral.

Ex.: regra nº 37.

Regra gramatical: O dono da fazenda és tu.

Estratégia do aluno: O dono da fazenda é tu.

A criança substitui "tu" por "você".

9. A caracterização dos verbos haver, ser e parecer não foi  
considerada nas regras 38, 39, 41, 42, 43, 44 e 47.

Regra gramatical: Vida de craque não são rosas.

O homem disse: bem haja sua Majestade!

Paulo, hajam vista os livros desse autor (= vejam-se)

Estratégia do aluno: Vida de craque não é rosas.

O homem disse: bem haverão sua Majestade!

Paulo, haverá vista os livros desse autor.

Estas são algumas das estratégias usadas pelos alunos, mas esta análise é muito superficial, pois para serem levantadas hipóteses mais conclusivas, haveria necessidade de ser feito um estudo ao mesmo tempo mais abrangente e de controle das diversas variáveis.

O resultado que se tem discutido leva a formular so  
bre as motivações desse desempenho dos alunos testados. Natu

ralmente, nesse campo, o analista precisa se contentar com hipóteses, já que não se tem fatos que possam comprovar as razões das hipóteses levantadas. No entanto, com o desejo de chegar a essas motivações poder-se-ia dizer que:

1 - Talvez uma explicação fosse a motivação lingüística, já que algumas das regras apresentadas estão certamente calcadas sobre a linguagem escrita, de forma arcaica, e por isso, não enquadradas no sistema lingüístico.

2 - Quem sabe, na linguagem oral essas regras não sejam obedecidas e o próprio professor de Português desconhecendo essas regras não as expõe aos alunos.

3 - Os livros didáticos manuseados por professor e aluno não trazem essas regras.

As duas primeiras hipóteses não podem ser analisadas neste trabalho, mas a terceira hipótese pode ser parcialmente analisada, em virtude da disponibilidade de materiais didáticos adotados nas diversas escolas onde a pesquisa foi realizada. Dentro desta perspectiva foram selecionados dois conjuntos de livros-textos em cada área, ou seja, de 1ª a 4ª série e de 5ª a 8ª do primeiro grau, de 1ª a 3ª série do segundo grau, para se tentar localizar como os autores desses livros-textos enfocam o fator concordância verbal. Com essa finalidade analisou-se MAROTE (1981), ROSAMILHA e Outros (1976) de 1ª a 4ª série, CAMARGO (1982) e BERTOLDI (1980) da 5ª a 8ª série (1º grau), MARINO (1981), BENEMANN & CADORE (1980) da 1ª a 3ª série do 2º grau.

MAROTE apresenta a sua obra como sendo um material rico de atividades para o aluno e para o professor, "um ins-

trumento capaz de auxiliá-lo na sua árdua, mas sedutora tarefa de reforçar e complementar a alfabetização de nossas crianças" (1981 - III).

No primeiro volume são propostas atividades envolvendo exercícios de preenchimento de lacunas, frases para completar e frases interrogativas, usando os verbos ser, estar, existir e verbos de emprego corrente.

No segundo volume os exercícios propostos seguem as mesmas linhas, aparecendo outros verbos como, vir, ir, brincar, redução de frases a uma só com o uso do verbo ser como auxiliar e frases para responder negativamente.

No terceiro volume aparece o verbo haver, como impessoal, em frases para completar. Perguntas e respostas que envolvem verbos terminados em -ar, -er e -ir, transformação de frases de acordo com um modelo, perguntas e respostas exigindo a ampliação do grupo verbal, preenchimento de lacunas com formas verbais indicadas nos parênteses, substituição de frases a partir do verbo sugerido pelo professor, transformação de frases (coordenação) numa só, transformação de locuções verbais com -ndo em verbos simples; fazer flexão número-pessoal em verbos em -gir, fixar o emprego do substantivo em orações subordinadas substantivas.

Todos esses exercícios, apesar de serem voltados mais para a aprendizagem da conjugação verbal, auxiliam de certa forma a concordância.

No quarto volume a metodologia seguida é a mesma, os exercícios passam a ser mais complexos e novos verbos aparecem: gostar, andar, atirar, correr, subir, acontecer, per-

der, ficar.

A obra apresenta maior número de exercícios, mais ricos e mais variados, em relação às demais obras analisadas.

A coleção de Rosamilha e outros não apresenta exercícios específicos de concordância verbal, apresenta sim, atividades que envolvem o uso do verbo como: frase para completar, exercícios para seguir o modelo, escrever ações de passado, presente e futuro, formação de um modelo, ligar com um traço as pessoas gramaticais do verbo, relacionar o ser com as ações grifadas, preencher quadrinhos com os verbos na forma indicada, enfim, são estas as atividades propostas pelos autores desta coleção. Na verdade, não há exercícios específicos de concordância verbal, uma vez que todos são voltados para a ação verbal, contudo, preparam o aluno para o recebimento da concordância verbal nas séries posteriores.

Já nas séries de 5ª a 8ª examinando-se CAMARGO (1982) e BERTOLDI (1980) há uma variedade de exercícios com verbos, tais como, preenchimento de lacunas, frases para completar, empregar o verbo no tempo pedido, completar as frases entre parênteses no mesmo tempo do outro verbo, seguir o modelo dado.

Todas essas são tarefas não relacionadas diretamente com concordância, mas que certamente expõem o aluno a uma familiarização com a ação do verbo, ajudando-o intuitivamente a aprender as regras de concordância verbal. Deve-se, no entanto, salientar que CAMARGO apresenta um único exercício especificamente de concordância verbal, na 8ª série.

Quanto às séries do 2º grau, foram analisadas as sé-

ries didáticas elaboradas por MARINO (1981) e BENEMANN/CADORE (1980).

A primeira autora somente aborda o problema concordância verbal no seu 3º volume, mas o faz de maneira bastante abrangente, apresentando grande número de regras e de exercícios para preencher lacunas, para assinalar as formas incorretas, justificando-as e corrigindo-as em seguida.

A autora divide a concordância em três partes- a primeira trata da regra geral e dos casos particulares, a segunda dos casos de sujeito composto e de várias expressões e a terceira parte é a que trata de concordância especial.

Já a série especial apresentada por BENEMANN/CADORE a apresenta um bom número de regras de concordância verbal nos três volumes da série; os exercícios são variados, dando oportunidade ao aluno de fixar o assunto e entender as regras de concordância verbal com suas limitações e suas exceções.

Apesar dos livros analisados apresentarem um número reduzido de exercícios de regras de concordância verbal, quase inexistentes no 1º grau, a comunidade lingüística ou a escola parece fornecer aos falantes informações suficientes para que intuitivamente essas regras sejam aprendidas. Estranhamente nos anos de escolarização em que essas regras são enfatizadas a aprendizagem parece ser mínima, como se pode constatar através dos resultados apresentados anteriormente.

Constata-se que pouca ênfase é dada ao assunto concordância verbal nas séries examinadas do 1º grau.

Seria naturalmente importante fazer um estudo da linguagem oral das regras de concordância verbal da comunida



de lingüística a que estão expostas as crianças testadas para verificar se aí pode ser localizada uma explicação da aprendizagem e não aprendizagem dessas regras, uma vez que a escola parece ter pouca influência nesse sentido.

Neste capítulo procedeu-se a análise e a discussão dos resultados a partir dos objetivos propostos e das tabelas apresentadas.

Passar-se-á ao capítulo V que versará sobre as conclusões da pesquisa e algumas sugestões.

## CAPÍTULO V

### CONCLUSÕES E SUGESTÕES

#### 5.0. Conclusões

Esta pesquisa, dentro de sua abrangência de variáveis controladas e dos resultados da análise de dados, pode chegar a várias conclusões sobre o domínio das regras de concordância verbal na população testada:

- somente algumas regras, talvez as mais usuais, são de conhecimento da quase totalidade dos alunos;

- o fato de os elementos constitutivos das orações não estarem na ordem usual de LN sujeito - V - LN objeto cria problemas ao aluno no uso das regras de concordância;

- as orações longas com locuções nominais intercaladas criam graves dificuldades;

- quando na oração o sujeito composto é formado por pessoas gramaticais diferentes como no exemplo Tu e ele fi-

zestes boa prova? — a prevalência da 2ª pessoa sobre a 3ª não é considerada, esta é substituída pela 3ª pessoa plural;

- as regras que admitem a forma singular e a forma plural são constantes no número de acertos nas diferentes séries, sendo o plural a forma preferencial;

- o número de erros diminui à medida que se aproxima das séries mais avançadas do primeiro e do segundo grau, longitudinalmente, tanto que existe uma diferença significativa de acertos entre a 2ª série e a 8ª série do 1º grau, e entre a 2ª série do 1º grau e a 3ª série do 2º grau;

- há indicações de que a aprendizagem das regras fundamentais da concordância verbal se dá nos primeiros anos de escolarização e que seja mais fruto da vivência linguística do que da de ensino.

- os alunos pertencentes ao grupo  $A_1$  apresentaram um melhor desempenho, isso indica que o ambiente sócio-cultural da família parece exercer forte influência no desempenho escolar da criança;

- comparando-se os grupos  $A_1$  e  $B_2$  depara-se com uma diferença significativa no desempenho das regras de concordância verbal;

- os alunos dos Colégios Particulares e os dos Colégios Estaduais urbanos tiveram melhor desempenho que os de periferia;

- o hábito da leitura tende a levar o aluno a um melhor desempenho nas regras de concordância verbal;

- os alunos que declaram não ter o gosto pela escri-

ta, contrariando a expectativa, apresentam um desempenho levemente superior aos que gostam de escrever;

- os alunos do sexo feminino tiveram uma pequena margem de acertos sobre os alunos do sexo masculino.

Examinando as estratégias utilizadas pelos alunos na solução do exercício de concordância, chega-se à algumas constantes, mas a análise feita não permite lançar hipótese, o que exigiria uma análise estatística bem mais apurada do que a feita para este estudo.

#### 5.1. Sugestões

Baseando-se nos resultados deste trabalho, sugere-se do ponto de vista didático:

Para os professores:

- que as regras de concordância verbal sejam exploradas, partindo de exemplos da vivência do aluno;
- ao ser introduzido o estudo do verbo o professor dê paralelamente a concordância verbal, estudo morfo-sintático;
- além das regras usuais sejam apresentadas gradativamente, de acordo com o nível da turma, as demais regras para que o aluno tenha conhecimento de sua existência e de sua aplicabilidade;
- sejam intensificados os exercícios de leitura e de escrita com o acompanhamento direto do professor, em sala de aula;

- alunos carentes existentes nas diferentes escolas, necessitam acompanhamento e estratégias de ensino diferenciados;
- que o Professor de Português tente fazer o aluno falar na sala de aula e não só escrever, relacionando a fala com a escrita;
- que Professores e Pesquisadores se reúnam para analisar quais as regras de concordância verbal que devem ser enfatizadas e usadas no decorrer da escolarização.

Para os autores:

- que em seus livros-texto, para alunos de 1º e 2º graus, enriqueçam suas páginas com exercícios variados de concordância verbal, tornando esse assunto mais agradável, mais conhecido e melhor usado pelos alunos;
- sejam feitos exercícios estruturais, de lacunas, de substituição, variação de frases, associação, palavras cruzadas, múltipla-escolha, estudo de textos dirigidos para o ensino da concordância verbal.

## BIBLIOGRAFIA

- ALI, M. Said. Dificuldades da Língua Portuguesa. (5ª ed.),  
Livraria Acadêmica, RJ, 1957.
- ANDRÉ, Hildebrando A. de. Português Gramática Ilustrada. (1ª  
ed.), Edit. Moderna Ltda., SP, 1974.
- BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. (22ª ed.),  
Nacional, SP, 1967.
- \_\_\_\_\_. Problemas atuais no ensino da gramática in Madre  
Olívia & Regina Célia P. Silveira (editores), A Gramática  
Portuguesa na pesquisa e no ensino. Cortez Editora, SP,  
1980.
- BENEMANN, J. Milton & CADORE, Luís A. Estudo Dirigido de  
Português. (6ª ed.), Edit. Ática, SP, v.3, 1980.
- BERTOLDI, Nelo. Comunicação e Expressão. Edit. do Brasil S/  
A, SP, v.4, 1980.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Teoria Lingüística. LTC  
Edit. S/A, RJ, 1978.

BORBA, Francisco da Silva. Introdução aos Estudos Lingüísticos. (3ª ed. revista), Companhia Editora Nacional, SP, 1972.

\_\_\_\_\_. Pequeno Vocabulário de Lingüística Moderna. Edit. Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, SP, 1971.

BRUNO, Aníbal. Gramática da Língua Portuguesa. Companhia Editora Forense, RJ, 1971.

BUONGERMINO, Regina. Comentários in Madre Olívia & Regina Célia P. Silveira (editoras). A Gramática Portuguesa na pesquisa e no ensino. Cortez Editora, SP, 1980.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Problemas de Lingüística Descritiva. Dispersos, (2ª ed.), Fundação Getúlio Vargas, RJ, 1975.

\_\_\_\_\_. Manual de Expressão Oral e Escrita. (5ª ed.), Edit. Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1978.

\_\_\_\_\_. Dicionário de Lingüística e Gramática, (9ª ed.), Edit. Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1981.

CAMARGO, Gessy et alii. Comunicação em Língua Portuguesa. (2ª ed.), Edit. Ática S/A, SP, v.4, 1982.

CARNEIRO, Orlando Leal. Metodologia da Linguagem. (3ª ed. revista), Agir, RJ, 1959.

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima Gramática da Língua Portuguesa. (17ª ed.), Companhia Edit. Nacional, SP, 1977.

CERVO, A.L. & BERVIAN, P.A. Metodologia Científica. Edit. McGraw-Hill do Brasil Ltda., SP, 1976.

COSERIU, Eugênio. Teoria da Linguagem e Lingüística Geral. Ed. da Universidade de São Paulo, Coleção Linguagem, nº 3, 1979.

- CUNHA, Celso. Língua Portuguesa e Realidade Brasileira. (8ª ed.), Coleção Temas de Todo Tempo, RJ, 1981.
- DUBOIS, Jean et alii. Dicionário de Lingüística. Cultrix, SP, 1978.
- ELSON, Benjamim & PICKETT, Velma. Introdução à Morfologia e à Sintaxe. Ed. Vozes, Ltda., Petrópolis, RJ, 1973.
- FILHO, A. Marques de Oliveira. Problemas de Lingüística e de Gramática. Edit. Aurora Ltda., 1952.
- FORTES, Herbert Parentes. A Questão da Língua Brasileira. (2ª Tomo de A Língua que Falamos) Livraria Clássica Brasileira, 1957.
- GARCIA, Othon M. Comunicação em Prosa Moderna. (2ª ed.), Fundação Getúlio Vargas, RJ, 1973.
- GENOUVRIER, E. & PEYTARD, J. Lingüística e o ensino no Português. Coimbra (s. ed.), Livraria Almeida, 1974.
- GOES, Carlos. Syntaxe de Concordância. (4ª ed.), Imprensa Oficial, Belo Horizonte, MG, 1923.
- HIRAM, R. de Oliveira. Português. Edit. Ática, SP, v.4, 1980.
- JAKOBSON, Roman. Lingüística e Comunicação. (3ª ed.), Cultrix, SP, 1970.
- LADO, Robert. Introdução à Lingüística Aplicada. Edit. Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1971.
- LANGACKER, Ronald W. A Linguagem e sua Estrutura. (2ª ed.), Edit. Vozes, Ltda., Petrópolis, RJ, 1975.
- LEDUR, Paulo Flávio. O Português de Hoje. (s. ed.), Sulina, Porto Alegre, RS, 1978.



- LEMLE, Miriam & NARO, Antony J. Competências Básicas do Português. Relatório final da pesquisa apresentada ao MOBRAL e FUNDAÇÃO FORD, RJ, 1977.
- LIMA, Lauro de Oliveira. Mutações em Educação Segundo Mc Luhan. (6ª ed. ampliada), Cosmovisão I, Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, RJ, 1973.
- \_\_\_\_\_. Tecnologia, Educação e Democracia. Edit. Civilização S/A, RJ, 1965.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil. (2ª ed. rev.), J. Olympio, RJ, 1977.
- LITTON, Gaston. Como Orientar o Leitor na Escola. Edit. Mc Graw-Hill do Brasil Ltda., SP, 1975.
- LUFT, Celso Pedro. Gramática Resumida. Edit. Globo, 1976.
- MARINO, Elda Randoli. Estudos de Português para o 2º grau, Edit. do Brasil, S/A, v.3, SP, 1981.
- MAROTE, D'Olim. Aprender, Brincar, Comunicar. Edit. Ática, v.4, SP, 1981.
- MARTIN, John W. "Gênero?" Revista Brasileira nº 2, 1975.
- \_\_\_\_\_. "Concordância" Revista Brasileira de Linguística, nº 2, 1975.
- MELO, Gladstone Chaves de. A Língua do Brasil. INL, RJ, 1971.
- \_\_\_\_\_. Gramática Fundamental da Língua Portuguesa. (2ª ed.), Acadêmica, RJ, 1970.
- MENYUK, Paula. Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem. Pioneira, SP, 1975.
- MILLER, George A. (org.). Linguagem Psicologia e Comunicação.

- Cultrix, SP, 1976.
- MORENO, C. & GUEDES, P.C. Curso Básico de Redação. (1ª ed.), Audipel, Porto Alegre, RS, 1977.
- NETO, Samuel Peromm. Tecnologia da Educação e Comunicação de Massa. Livraria Pioneira Edit. SP, 1976.
- NETO, Serafim da Silva. Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil. (4ª ed.), coleção linguagem 1, Presença Edições, 1977.
- NINA, Terezinha de Jesus de Carvalho. Concordância Nominal/Verbal do Analfabeto da Micro-região Bragantina. TM, PUC, PA, 1980.
- OLÍVIA, Madre & SILVEIRA, Regina Célia P. A Gramática Portuguesa na pesquisa e no ensino. Nº 1, Cortez Editora, SP, 1980.
- PAIS, Cidmar Teodoro et alii. Manual de Lingüística. Edit. Vozes, Petrópolis, RJ, 1979.
- PERINI, Mário A. Gramática do Infinitivo Português. Edit. Vozes, Petrópolis, 1977.
- PERROT, Jean. A Lingüística. Difusão Européia do Livro, Coleção "Saber Atual", SP, 1970.
- PIAGET, Jean. A Linguagem e o Pensamento da Criança. Edit. Fundo de Cultura, RJ, 1961.
- RECTOR, Mônica. A Linguagem da Juventude. Vozes, Petrópolis, RJ, 1975.
- ✓ RICARDO, Stella Maris Bortoni de Figueiredo. A Concordância Verbal em Português: um Estudo de sua Significação Social. Universidade de Brasília.

- SAID ALI, M. Dificuldades da Língua Portuguesa. (5ª ed.), Livraria Acadêmica, RJ, 1957.
- SANTOS, Volnyr & CARVALHO, Adão E. Redação. Gráfica e Edit. do Prof. Gaúcho Ltda., PA, 1975.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. A Regra de Concordância de Número no Sintagma Nominal em Português. TM, PUC, RJ, 1978.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. (5ª ed. rev. e ampliada). Coleção Educação Contemporânea. Cortez Editora, SP, 1980.
- SILVEIRA BUENO, Francisco da. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. (7ª ed. rev.) Edit. Saraiva, SP, 1968.
- SOBRINHO, Barbosa Lima. A Língua Portuguesa e a unidade do Brasil. (2ª ed.), Livraria José Olympio, Ed. MEC, RJ, 1977.
- TELES, Expedito et alii. Fundamentos Científicos da Comunicação. (2ª ed.), Edit. Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1973.
- TONDO, Nádía Vellinho. Aspectos Sintáticos e Semânticos da Concordância Verbal no Português. TM, PUC-SP, 1976.
- VEIGA, Albino de Bem. Ensino e Estudo da Língua Portuguesa. Edições da Faculdade de Filosofia, PA, 1958.

## ANEXO I

QUESTIONÁRIO

- 1 - Nome: \_\_\_\_\_
- 2 - Sexo: \_\_\_\_\_
- 3 - Idade: \_\_\_\_\_
- 4 - Local de nascimento: \_\_\_\_\_
- 5 - Se não nasceu em Florianópolis, quando veio para cá? \_\_\_\_\_
- 6 - Estabelecimento onde estuda? \_\_\_\_\_
- 7 - Desde quando estuda neste colégio? \_\_\_\_\_
- 8 - Estudou em outro colégio? Se estudou, qual foi? \_\_\_\_\_
- 9 - Você:
- ( ) apenas estuda.
- ( ) estuda e trabalha.
- 10 - Você fala alguma língua? Qual? \_\_\_\_\_
- 11 - Quantas horas, por dia, além da escola, você dedica ao estudo? \_\_\_\_\_
- 12 - Qual o nível de instrução de seus pais?
- | <u>Pai</u> | <u>Mãe</u>                     |
|------------|--------------------------------|
| ( )        | ( ) Não frequentou escolas.    |
| ( )        | ( ) Primário incompleto.       |
| ( )        | ( ) Primário completo.         |
| ( )        | ( ) Ginásio incompleto.        |
| ( )        | ( ) Ginásio completo.          |
| ( )        | ( ) Secundário incompleto.     |
| ( )        | ( ) Secundário completo.       |
| ( )        | ( ) Curso Superior incompleto. |
| ( )        | ( ) Curso Superior completo.   |
| ( )        | ( ) Outra.                     |
- 13 - Qual a profissão de seu pai? \_\_\_\_\_
- 14 - Qual a profissão de sua mãe? \_\_\_\_\_
- 15 - Marque com uma cruz a renda mensal que se aproxima da de seus pais:
- ( ) até Cr\$ 4.700,00
- ( ) de Cr\$ 4.700,00 a Cr\$ 7.000,00
- ( ) de Cr\$ 7.000,00 a Cr\$ 15.000,00
- ( ) de Cr\$ 15.000,00 a Cr\$ 22.000,00

- de Cr\$ 22.000,00 a Cr\$ 30.000,00  
 de Cr\$ 30.000,00 a Cr\$ 50.000,00  
 acima de Cr\$ 50.000,00
- 16 - Em casa, seus pais lêem?  
 Sim  Não
- 17 - Se lêem, isso acontece:  
 com frequência;  
 às vezes;  
 raramente.
- 18 - Você costuma ler?  
 Sim  
 Não
- 19 - Se não lê:  
 é por falta de material;  
 por falta de vontade;  
 por falta de tempo.
- 20 - Se você, lê, isso acontece  
 diariamente;  
 de vez em quando;  
 só quando o professor solicita um trabalho;  
 quando surge um fato importante;  
 apenas nas férias.
- 21 - Quando a escola pede para você escrever. Você:  
 gosta  
 detesta  
 sente-se angustiado  
 sente-se satisfeito.
- 22 - Quando a escola pede para escrever, você prefere escrever:  
 palavras  contos  
 frases  cartas  
 poesias  bilhetes  
 crônicas  pensamentos  
 histórias(estórias)  notícias)
- 23 - Você escreve fora dos deveres da escola?  
 Sim  Não

24 - Se escreve fora dos deveres da escola, o que prefere es  
crever:

( ) palavras

( ) contos

( ) frases

( ) cartas

( ) poesias

( ) bilhetes

( ) crônicas

( ) pensamentos

( ) histórias(estórias)

( ) notícias

## ANEXO II

Escola: \_\_\_\_\_  
 Aluno: \_\_\_\_\_  
 Turma: \_\_\_\_\_

Preencha as linhas pontilhadas com uma forma verbal correta:

- 1 - Alguém lá embaixo (abrir) ..... a porta do elevador;
- 2 - Os passos na escada se (aproximar) ..... lentamente.
- 3 - Júlia e Lúcia (estudar) ..... juntas todos os dias.
- 4 - Tu e ele (fazer) ..... boa prova?
- 5 - Ali (viver) ..... pais e filhos.
- 6 - Aqui não (faltar) ..... livros.
- 7 - Carlos e eu (ir) ..... ao cinema.
- 8 - Paulo ou João (presidir) ..... a reunião.
- 9 - "Era tão pequena a cidade, que um grito ou gargalhada forte a (atravessar) ..... de ponta e ponta".
- 10 - O cabloco, com a mulher e a filhinha, (formar) .....  
 ..... uma sociedade.
- 11 - Ele com os alunos (fazer) ..... a pesquisa.
- 12 - Nem eu nem ele o (convidar) ..... para a festa.
- 13 - Não s<sup>o</sup> os pais, mas também os estados (estar) .....  
 ..... enfrentando dificuldades econômicas.
- 14 - Balas, chocolates, frutos nada o (deixar) .....  
 feliz.
- 15 - O comer e o beber (ser) ..... necessários.
- 16 - "Nem uma nem outra (suspeitar) ..... nunca a felicidade de Eduardo".
- 17 - "Já tinha ouvido que plantar e colher feijão não (dar)  
 ..... trabalho."
- 18 - O povo (gritar) ..... continuamente.
- 19 - Uma grande multidão de crianças, de velhos, de mulheres (saudar) ..... a chegada do Santo Padre.
- 20 - A maior parte dos estudantes (querer) .....  
 melhoria do ensino.
- 21 - Um e outro (viajar) ..... nas férias.

- 22 - Nem um nem outro (prestar) ..... atenção às aulas.
- 23 - Nesta turma, Jorge é um dos que mais (estudar) .....  
.....
- 24 - Sócrates é um dos jogadores brasileiros que mais se (destacar) ..... nos jogos da seleção.
- 25 - Mais de um garimpeiro já (perder) ..... a vida em Serra Pelada a procura de ouro.
- 26 - Fui eu quem o (ensinar) ..... a escrever as primeiras letras.
- 27 - Alguns de nós (vir) ..... a escrever as primeiras letras.
- 28 - Mais de um dos visitantes se (entreolhar) .....  
..... com admiração.
- 29 - Sou eu que (pagar) .....
- 30 - Os Estados Unidos (viver) ..... momentos de expectativa com o atentado a Ronald Reagan.
- 31 - Todas as manhãs (ouvir) ..... -se músicas sertanejas.
- 32 - Cheguei (fazer) ..... seis meses.
- 33 - No pátio (haver) ..... crianças brincando.
- 34 - Tudo (ser) ..... amabilidades.
- 35 - Hoje (ser) ..... vinte de maio.
- 36 - A maioria (ser) ..... alunos dedicados e responsáveis.
- 37 - O dono da fazenda (ser) ..... tu.
- 38 - As casas (parecer) ..... desabarem com o forte vento.
- 39 - "As notícias (parecer) ..... que têm asas".
- 40 - Quando chegamos (ser) ..... cinco horas da tarde.
- 41 - Seis horas (ser) ..... pouco para o trabalho.
- 42 - Divertimentos (ser) ..... o que não lhe falta.
- 43 - O homem disse: bem (haver) ..... sua majestade!
- 44 - Nós (ser) ..... que trabalhamos.
- 45 - Os edifícios (parecer) ..... desabar.
- 46 - No relógio da catedral (dar) ..... nove horas.
- 47 - "Vida de craque não (ser) ..... rosas.



- 48 - Tudo o mais (ser) ..... solidão e saudade.
- 49 - Paulo, (haver) ..... vista os livros desse au  
tor. (= vejam-se).
- 50 - Paulo, (haver) ..... vista aos livros desse au-  
tor (= por exemplo).
- 51 - Paulo, (haver) ..... vista aos livros desse au-  
tor (= olhe-se para).
- 52 - Bem (haver) ..... os preMOVEDORES dessa camp  
nha!